



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - CENTRO ACADÊMICO DO
AGRESTE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CONTEMPORÂNEA - CURSO DE MESTRADO

MARIA LUCIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**INTER-RELAÇÕES DA EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR, ARTE E CULTURA NO
PROJETO ARICURI: uma itinerância formativa no sertão pernambucano.**

**CARUARU - PE
2024**

MARIA LUCIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**INTER-RELAÇÕES DA EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR, ARTE E CULTURA NO
PROJETO ARICURI: uma itinerância formativa no sertão pernambucano**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação Contemporânea.

Área de concentração: Educação Contemporânea

Orientador: Prof. Dr. Everaldo Fernandes da Silva

CARUARU - PE
2024

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Oliveira, Maria Luciana Rodrigues de.

Inter-relações da educação não escolar, arte e cultura no Projeto Aricuri: uma itinerância formativa no sertão pernambucano / Maria Luciana Rodrigues de Oliveira. - Recife, 2024.

84f.: il.

Inclui referências e apêndices.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, 2024.

Orientação: Everaldo Fernandes da Silva.

Inclui referências e apêndices.\A-.

1. Projeto Aricuri; 2. Educação não escolar; 3. Cultura Popular. I. Silva, Everaldo Fernandes da. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

MARIA LUCIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

INTER-RELAÇÕES DA EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR, ARTE E CULTURA NO
PROJETO ARICURI: uma itinerância formativa no sertão pernambucano.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea - PPGEDUC da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Contemporânea.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:

Profº. Dr. Everaldo Fernandes da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. Dra. Conceição Gislaíne Nóbrega Lima de Salles (UFPE -CAA - PPGEduc) -
Membro Interno.

Profa. Dra. Aline Renata dos Santos (UFPE -CAA -NFD) Membro Externo

CARUARU - PE
2024

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar o nosso trabalho dissertativo, agradeço primeiramente a força maior que nos guia na vida, a causa primeira de todas as coisas, Deus, em todas as traduções, puro amor e paz o Mestre maior. Agradecer a mamãe, mulher chamada Maria que da agricultura familiar e carregando água na cabeça, matou a sede e alimentou onze filhos, quatro homens e sete mulheres sendo uma autista. Junta ao meu pai e do seu jeito contribuiu para esse caminho que me trouxe até aqui. Aos meus irmãos e irmãs, que posso chamar de “irmãos”, que ainda cuidam de mim como sempre foi. A minha amiga irmã de coração, a singular Ana Paula Nogueira singular, por ser tão sonhadora e corajosa o suficiente para apostar seus sonhos na arte e nunca desistir e por sua contribuição determinante para a realização desta pesquisa e deste trabalho. Agradeço a Júnior Baladeira pela arte e cultura que faz no Sertão do Araripe, por gentilmente me colocar na sua galeria de referência dos agentes culturais e artistas do Sertão, e por me permitir conhecer e vivenciar a maravilha que é o Projeto Aricuri. Agradeço também a todas os idosos e idosas do Reisado Aricuri, a Dona Liosa e Dona Helena nas quais cito o nome em representação aos mais de quarenta artistas da terceira idade do projeto: obrigada pelo acolhimento e pela aula de vida que me foi ofertada. Com proporcional importância agradeço também aos jovens e crianças do grupo de Hip Hop, pela paz que senti no coração e pela fé renovada na força da juventude a cada instante de participação dos eventos.

Em especial, quero agradecer aos participantes colaboradores desta pesquisa, suas contribuições foram decisivas para o nosso trabalho. A toda equipe da UFPE - Campus Caruaru, aos professores e Professoras pelos ensinamentos, aos colegas e em destaque agradeço profundamente ao meu orientador, Prof. Dr. Everaldo Fernandes, pelo caminho traçado desde o início, ainda no processo de seleção, quando no momento junto com o Professor Fernando compreenderam a acolherem a nossa pesquisa sobre um projeto de arte e cultura do Sertão do Araripe, pelas palavras calmas e pela capacidade de motivar em mim a curiosidade e a coragem para não desistir nos momentos mais intensos do trilhar desse caminho, agradeço pela oportunidade de aprender sobre educação, arte, cultura e humanidade do ser.

Minhas considerações especiais aos Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC) dos técnicos, em especial, o secretário do Programa pelo seu zelo e atendimento, bem como a todo corpo docente. Destaco a importância dos membros da banca examinadora, às Professoras Doutoras Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles e Aline Renata dos Santos pelas suas significativas contribuições epistemológicas e metodológicas da presente pesquisa.

Agradeço à Dra. Caroline Stefani pelo profissionalismo, competência e paciência que me ajudaram e ajudam em meus estudos acadêmicos nos projetos artísticos e culturais e no meu trabalho como professora de artes, obrigada por me conduzir da forma mais tranquila à descoberta do meu ser autista.

RESUMO

O presente trabalho disserta sobre as experiências educativas, artísticas e culturais do Projeto Aricuri, situado no município de Ouricuri, Sertão do Araripe pernambucano. Consiste em analisar a educação popular em diálogo com a cultura local desenvolvida pelo Projeto Aricuri, contribuindo no fortalecimento das autoidentidades coletiva e individual dos participantes. O objetivo principal é compreender as inter-relações da educação popular com a cultura sertaneja e estas como instrumentos de construção e de fortalecimento da autoidentidade e da cidadania dos participantes do Projeto Aricuri. Para isso, contamos com as contribuições de autores/as, pesquisadores/as que nos norteiam no caminho do entendimento do tema em pauta, entre outros/as: Freire (1994; 1996), Hall, (1999), Gohn (2010; 2015), Brandão (2009), Adorno (2020) e Rancière (2012), Laraia (1996). Abordamos como metodologia a pesquisa qualitativa e como método o Caso Alargado, fundamentado em Yin (2001), Santos (1983) e Lage (2013) que compreende a transação entre a fenomenologia e a análise estrutural do acontecimento sociocultural em foco. Para a obtenção dos dados, servimo-nos da observação participante com o auxílio do diário de campo e das entrevistas semiestruturadas. Como análise dos dados, apoiamo-nos em Laurence Bardin (2016) que compreende desde as fases exploratórias, das repetições e ênfases de sentidos, da classificação dos significados, à inferência da pesquisadora. Os resultados obtidos do presente estudo são: a força transformadora oriunda das bases sociais, quando os sujeitos da base da pirâmide social despertam as suas próprias potencialidades e se reúnem; Este projeto inspira-se na Pedagogia Libertadora e aproxima-se conceitualmente na materialidade em forma de metodologia em que os agentes são protagonistas sendo os eixos e focos : a autonomia dos sujeitos, a dialogicidade mediada pelo mundo, o olhar do coletivo e a transformação social; O Projeto Aricuri descobre o poder conscientizador, formativo e libertador das artes em que a herança cultural é compreendida como identidade raiz. As artes têm servido ao longo dos anos como fonte e caminho do Coletivo Aricuri de despertar sonhos em crianças, jovens e idosos. O Projeto Aricuri caracteriza-se pelas práticas educativas que cultivam a dinâmica da afetividade, do acolhimento e da inclusão como princípio fundador e iniciante; outro traço é a escuta atenta às dores e angústias dos participantes como mecanismo de inserção dos seus membros. Aferimos, que existe um grande reconhecimento do grupo pelo trabalho do coordenador, o seu histórico de dedicação a cultura e aos trabalhos sociais, a disponibilidade, o desprendimento e dedicação do iniciador desse processo formativo não escolar. Observamos ainda nas falas dos entrevistados e na participação da comunidade que a educação não escolar das ações que o Projeto Aricuri promove, podem garantir a sustentabilidade do projeto em termos de sucessão e provocação de novas lideranças, visando a longevidade dessa experiência singular no sertão pernambucano.

Palavras-chave: Projeto Aricuri. Educação não escolar. Cultura Popular. Educação Libertadora.

ABSTRACT

This study discusses the educational, artistic, and cultural experiences of the Aricuri Project, located in the municipality of Ouricuri, in the Sertão do Araripe region of Pernambuco. It consists of analyzing popular education in dialogue with the local culture developed by the Aricuri Project, contributing to the strengthening of the collective and individual self-identities of the participants. The main objective is to understand the interrelationships between popular education and the Sertão culture, and how these serve as instruments for the construction and strengthening of the self-identity and citizenship of the participants of the Aricuri Project. To achieve this, we draw on the contributions of various authors and researchers who guide us in understanding the topic at hand, including Freire (1994; 1996), Hall (1999), Gohn (2010; 2015), Brandão (2009), Adorno (2020), Rancière (2012), and Laraia (1996). Our methodology employs qualitative research, specifically using the Extended Case Method based on Yin (2001), Santos (1983), and Lage (2013), which involves the intersection of phenomenology and the structural analysis of the sociocultural event in focus. For data collection, we utilized participant observation with the aid of a field diary and semi-structured interviews. For data analysis, we relied on Laurence Bardin (2016), which includes exploratory phases, repetitions and emphasis on meanings, classification of significance, and researcher inference. The results obtained from this study are: the transformative power originating from social bases when individuals at the bottom of the social pyramid awaken their own potential and come together; This project is inspired by the Pedagogy of Liberation and conceptually materializes as a methodology in which the agents are protagonists, with the main focuses being: the autonomy of individuals, dialogue mediated by the world, a collective perspective, and social transformation; The Aricuri Project discovers the enlightening, formative, and liberating power of the arts, where cultural heritage is understood as root identity. Over the years, the arts have served as a source and path for the Aricuri Collective to awaken dreams in children, young people, and the elderly. The Aricuri Project is characterized by educational practices that cultivate the dynamics of affection, welcome, and inclusion as foundational principles; another feature is the attentive listening to the pains and anxieties of the participants, and from this dynamic, we infer the centralizing power of the coordinator, without absolutely denying the availability, selflessness, and dedication of the initiator of this non-formal educational process. We verified that there is great recognition from the group for the work of the coordinator, his history of dedication to culture and social work, the availability, detachment and dedication of the initiator of this non-school training process. We also observed in the statements of the interviewees and in the participation of the young community that the non-school education of the actions greatly promotes the sustainability of the project in terms of succession and provocation of new leaders, aiming at the longevity of this unique experience in the sertão of Pernambuco.

Keywords: Aricuri Project. Non-formal Education. Popular Culture. Liberating Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese das produções acadêmicas encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações no Repositório de Teses e Dissertações da UFPE/Campus Agreste. E Teses e dissertações/ Universidade Federal do Ceará/UFC.

LISTA DE SIGLAS

AABB - ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL

CEPA - -- CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR ASSUNÇÃO

CD - DISCO COMPACTO DE ÁUDIO DIGITAL

CIA- COMPANHIA LIMITADA

LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

MCPs - MOVIMENTOS DE CULTURA POPULAR

MSN – THE MICROSOFT NETWORK (SERVIÇOS DA MICROSOFT)

ONG – ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL

PCN - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

PETI - PROGRAMA DE ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL

TRAGA – TEATRO AMADOR DE GRANITO

RAP – RHYTHM AND POETRY (RITMO E POESIA)

UFC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

UFPE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBU

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	11
1.1. Levantamento das Pesquisas que se aproximam do nosso escopo investigativo.	18
2 – CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR: LÓCUS, ACEPÇÕES E CAMINHOS DA PEDAGOGIA LIBERTADORA.....	24
2.1. Arte e a prática de ser humano.....	25
2.2. Concepção de Cultura Popular	30
2.3. Arte na educação escolar como o sistema que direciona a construção de saberes	32
2.4. Educação não escolar, alguns conceitos e práticas	34
2.5. Educação Libertadora: sentidos e alcances.....	40
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.1. Técnica de coleta dos dados	45
3.2. Técnica da Análise dos Dados.....	47
3.3. O campo de pesquisa- Projeto Aricuri.....	48
4. PROJETO ARICURI: PERFORMANCE FORMATIVA NO SERTÃO PERNAMBUCANO QUE REÚNE O DIÁLOGO ENTRE A VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL E A PEDAGOGIA LIBERTADORA.....	57
4.1. Presença e identidade do Projeto Aricuri a partir dos participantes.....	57
4.2. Modos ensinantes vivenciados no Coletivo Aricuri	60
4.3. Alcances individual e comunitário das atividades de arte e cidadania na vida de seus participantes	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
6. REFERÊNCIAS.....	70

7. ANEXOS	73
------------------------	-----------

1 - INTRODUÇÃO

*Nós somos a referência
De toda uma construção
De saberes e lições
Chamada de educação
Onde o grande Deus faz parte
E nos faz o baluarte
Do olhar do coração.*

*Cada crença e cada sonho
Que o aluno traz consigo
Obriga-nos a ser dele
Muito mais que um amigo.
Nossa missão nos norteia
Como o homem que semeia
E faz do educador, abrigo.*

*Para quem não tem forças
E não pode caminhar
Ou pra quem tem tantas armas
Mas não sabe batalhar.
Somos os norteadores
Responsáveis e mentores.
É a arte de educar.*

*De se educar pra vida
Dar um rumo, dar um norte.
Saber ouvir e sentir
Fazer, sem contar com a sorte.
A certeza eu presenteio
E o futuro que semeio
É o sucesso e a alma forte.*

(Cordel educar, olhar do coração. Junior. 2012.p.12)

Os movimentos sociais estruturados como projetos sociais de natureza artística e cultural, em sua trajetória ao longo do histórico de formação humana, dialogam com instituições de ensino escolar; fato ainda mais marcante em comunidades do interior do sertão nordestino, uma vez que os agentes mobilizadores dos projetos, em geral, são parte do corpo escolar como docentes ou discentes. Porém uma questão que se revela ainda mais instigante para as pesquisa em educação contemporânea, sem querer desvalorizar nenhuma área de pesquisa, são as inter-relações da educação não escolar, da arte e da cultura no Projeto Aricuri, uma vez que esse projeto social mobiliza diferentes grupos

culturais e artistas ou agentes culturais, de linguagens artísticas diferentes, com idades e identidades diversas, como uma resistência perante às dificuldades e barreiras estruturais que se apresentam e se apresentaram no caminho trilhado em seus processos históricos.

Com título, **Inter-relações da Educação não Escolar, Arte e Cultura no Projeto Aricuri: uma itinerância formativa no sertão pernambucano**, esse trabalho busca analisar as potencialidades e contribuições do Projeto Aricuri para o debate sobre a importância da educação não escolar desenvolvida em projetos sociais, com a pretensão de ser um vetor relevante para o reconhecimento e em algum grau de entendimento, um ponto de conhecimento sobre a cultura e a arte desenvolvidas no sertão do Araripe como fonte mobilizadora de identidades multiculturais e autônomas.

Na busca de uma boa análise nos perguntamos: qual o perfil educativo que define o Projeto Aricuri? Perante suas características e ramificações de longo prazo e práticas históricas, perguntamo-nos ainda: em que consiste a concepção de educação e os seus processos latentes no referido projeto? Nessa trilha reflexiva, investigaremos as práticas socioeducativas do nosso objeto de estudo, compreendendo que uma proposta de ação social que busca a cultura e a educação como elementos de cidadania e “solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia”(Freire, 1996.p.46), tem valor simbólico, formativo e prático na vida dos envolvidos, a saber, a nossa pesquisa buscará compreender qual a concepção de educação, os seus mecanismos ensinantes-aprendentes e os alcances e resultados das ações do Projeto Aricuri na vida dos seus participantes. Eis as questões-chave que nos inquietam!

Nosso trabalho tem o Projeto Aricuri no cenário da educação não escolar e sua importância e contribuição para as pesquisas em educação contemporânea. Nesse escopo, intencionamos compreender as práticas socioeducativas presentes no projeto e as suas ações formativas oferecidas para público envolvido nas atividades vivenciadas. Segundo Gohn (2010.p.58) “a educação para emancipação deve ser vista não apenas como uma meta futura, um desenho, mas como uma prática social que deve ser iniciada hoje, aqui e agora”.

Tem como objetivo geral: compreender as inter-relações da educação popular com a cultura local e estas como instrumentos de construção e de fortalecimento da autoidentidade e de cidadania dos participantes do Projeto Aricuri.

Elegemos como objetivos específicos: a) destacar os princípios e traduções da educação popular presentes no Projeto Aricuri; b) identificar os modos aprendentes e

ensinantes desenvolvidos no Projeto que produzem valorização da cultura local e participação social ativa dos seus membros; c) analisar o alcance educativo das atividades culturais do Aricuri na vida e formação dos sujeitos participantes.

Essas inter-relações, como podemos observar em todo processo da pesquisa, possibilitaram o exercício de uma proposta pedagógica de um coletivo cultural, ativo e transformador do seu meio social, à medida que essas inter-relações são tecidas pelos seus agentes culturais. Assim, concordamos com Freire que diz:

É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la.”. (Freire, 2021, p. 55).

A consciência de si, da sua realidade objetiva, é uma constante em pessoas que participam como agentes de transformação em projetos sociais, “além de si”; pensar-se como um ser em construção desenvolve a aprendizagem do exercício da autonomia e da libertação dos contextos impositivos e autoritários. Nesta esteira compreensiva, o ser humano enxerga-se como parte de uma humanidade que busca ampliar sua autonomia, não apenas questionando sistemas políticos, estruturas sociais e pedagogias “bancárias” e reprodutoras das ideologias dominantes, mas como um “Oprimido” pedagogicamente ativo na sua prática libertadora.

O Projeto Aricuri enquanto referência de educação não escolar na região tornou-se objeto de estudo através das trocas de contato e experiência com o educador social responsável. Verificamos a relevância da iniciativa desenvolvida no município de Ouricuri através da troca de experiências com seu idealizador em eventos escolares da rede pública estadual e em atividades de arte e cultura produzidas pelos gestores dos grupos artísticos e culturais da microrregião do Sertão Araripe, usando as palavras de Brandão e Duarte (2004, p.10) que afirmam: “a cultura surge das relações que os seres travam entre si e com o meio em que vivem, em busca da própria sobrevivência”. Nesse diapasão, refletimos sobre a construção dos movimentos e projetos culturais no Sertão e sua contribuição para formação social, profissional e humana dos envolvidos, uma vez que a cultura nasce das práticas humanas e da sua capacidade de perceber o mundo, a natureza e desenvolve-se com seus elementos, no contexto atual, quando e onde a cultura em suas pluralidades conduz o ser humano ao reconhecimento da importância e riqueza

existentes na diversidade, percebendo que são exatamente essas variadas identidades que tornam o mundo um lugar de grande potencial estético e cheio de significados relevantes. Para tanto, Brandão nos assegura que:

Não é apenas em uma sociedade transformada que se cria uma cultura e um novo homem. É ao longo do processo coletivo de transformá-la, por meio do qual as classes populares se educam com a sua própria prática e consolidam o seu saber com o aporte da educação (Brandão, 2009. p.32).

O encontro com o Projeto Aricuri, que é um exemplo exitoso da educação não escolar, foi idealizado pelo artista do município de Ouricuri e acolhido pela comunidade local e através da sua dinâmica nas atividades artísticas e culturais nos provocou a curiosidade sobre suas práticas educativas e como se constroem seus modos pedagógicos, bem como se processa a constante interação com as mudanças e desafios tecnológicos. Sua importância para o campo da pesquisa em educação contemporânea, entre outros fatores, se dá por ser um projeto social que rompe com as barreiras identitárias dos grupos e agentes individuais envolvidos, sendo “multipedagógico”, multicultural e com público de características diferentes em faixa etária, gênero, religião e linguagem artística mediante a prática dos atores sociais envolvidos.

Na busca de concepção e os modos de educação não escolar que o projeto Aricuri utiliza para transmitir a sua cultura local e desenvolver autoidentidade e cidadania dos seus participantes, nos aventuramos na tarefa de estudar essa proposta artística, cultural e educativa que é o Projeto Aricuri. Esse estudo tem como objetivo principal compreender o entendimento de educação prevalecente e os mecanismos formativos do projeto na transmissão da cultura local e na construção identitária e cidadã dos seus participantes. Em outras palavras, compreender as propostas educacionais não formais do Projeto Aricuri, e seus desdobramentos na formação de uma parcela de crianças e adolescentes, jovens e idosos no município de Ouricuri, sertão de Pernambuco.

A pesquisa realizada é de caráter qualitativo mediante um estudo de caso, servindo-se da pesquisa bibliográfica, das entrevistas semiestruturadas e de observação participante para obtenção dos dados. A pesquisa elege como metodologia o estudo de caso que tem como unidade de estudo o Projeto Aricuri, no município de Ouricuri. Para tanto, servir-nos-emos de um número representativo dos participantes do projeto, registros em áudio e imagens mediante as devidas autorizações legais dos entrevistados. Esses estudos e informações coletadas têm como aporte teórico-metodológico de análise

dos dados as contribuições de Bardin (2016) e Yin (2001) e tem no olhar reflexivo para a construção de base teórica os pensadores: Freire (1994; 1996), Hall, (1999), Gohn (2010; 2015), Brandão (2009), Adorno (2020) e Rancière (2012), Laraia (1996). Acreditamos que a pesquisa trará contribuições significativas para os estudos em educação contemporânea, através da compreensão e aferição das ações organizadas no projeto cultural Aricuri em termos de formação cidadã ativa, de construção identitária dessas gerações e da manutenção dinâmica da herança cultural sertaneja e ancestral.

Dividido em 04 (quatro) capítulos, sendo apresentado no capítulo 1, minha trajetória pessoal e como foi o contato com o Projeto Aricuri fazendo uma trajetória de espanto positivo, de reflexão acerca da relevância e da identificação com o objeto pesquisado; no capítulo 2 são abordados os aportes teóricos da pesquisa, sendo esse ponto apresentado em quatro tópicos: a) A arte como prática humana e de humanização; b) Concepção de Cultura Popular; c) Educação libertadora; d) Educação não escolar; No terceiro capítulo, apresento a metodologia, situando o campo da pesquisa, trazendo a fundamentação teórica e as técnicas de coleta e de análise que serão utilizadas e o perfil dos colaboradores. Por fim, no capítulo 4: apresentamos os resultados da pesquisa desenvolvida mediante a interligação: questão-problema, objetivos, aportes teóricos e as contribuições dos atores envolvidos e as atividades que fazem no Projeto Aricuri.

No processo de escrita as reflexões se projetam trazendo memórias de construções individuais ou coletivas, experiências e pensamentos que tornaram o caminho traçado até esse lugar de fala, de representatividade e de descobertas o mais possível entre tantos outros caminhos. Caminhos que ligam lugares e pessoas, ou ligam pessoas a lugares e a pessoas. Nessas tramas surge a identificação cultural dos artistas locais dos municípios que compõem o Sertão do Araripe pernambucano, nos anos finais de mil novecentos e noventa e início dos anos dois mil. O objetivo aqui não é produzir um estudo geográfico regional sobre as regiões do sertão, nem produzir uma defesa enfática das interiorizações dos movimentos sociais nacionais; porém, esses dois pontos são determinantes para a existência desse trabalho, uma vez que minhas experiências sociais e humanas são compostas fundamentalmente dessas experiências territoriais com suas respectivas culturas.

Na minha trilha de aprendizagem pessoal, a arte sempre esteve presente; desde cedo aprendi a ler com o acesso às histórias em quadrinhos que meu irmão comprava no Ceará ao voltar da Escola Agrotécnica Federal do Crato, atual Instituto Federal do Ceará,

Campus-Crato. O contato com a leitura e o tema educação como caminhos a serem percorridos foram orquestrados e guiados pela nossa mãe, com seus onze filhos. Esse caminho formado por experiências artísticas e culturais foi fundamental para a minha formação no ensino básico em magistério, licenciatura em letras, arte-educação, um MBA em gestão de projetos, uma especialização em arte-educação e muitos trabalhos em grupos e movimentos culturais e artísticos, que me aproximaram do projeto Aricuri que se tornou objeto de estudo.

O município de Granito, local de início de toda minha trajetória, situa-se nos domínios da Bacia Hidrográfica do Rio Brígida. Localiza-se 522 km de distância da capital do estado de Pernambuco, Recife; até o ano de dois mil e nove não contava com um sistema de telefonia celular e ligação de estrada com asfalto para nenhuma cidade. Esse fato tornou o município isolado sem transporte direto para nenhuma região. Foi nesse cenário que no ano de mil novecentos e noventa e quatro, junto com minha irmã Cristiana Rodrigues e um amigo Fagner Monteiro, idealizamos e criamos o primeiro grupo de teatro da região do Araripe, denominado de TAGRA - Teatro Amador de Granito, grupo independente que buscou parceria com a única escola pública estadual situada no município, isto é, a Escola Nossa Senhora do Bom Conselho que buscou curso de formação para parte dos seus membros, no teatro Rachel de Queiroz no município de Crato, estado do Ceará. Como estratégia de formação de um público amante das artes cênicas, o grupo passou a ministrar cursos de teatro para crianças e em parceria com a Cia de Teatro Bilu e Bila do município de Crato ofereceu apresentações em eventos gratuitos objetivando proporcionar ao público ávido por cultura o acesso aos bens simbólicos e produção artística. Essas parcerias resultaram na primeira organização com ações de promoção de troca de saberes entre agentes de dois estados e instituições educacionais na região.

Considero que viver no Sertão tem valor indescritível e implica carregar-se de percepções e necessidades singulares, tendo como realidade diária o sol que esquentava o semiárido e fortalece o ser humano. Nesse cenário próprio e único, o Grupo *Traga* em suas práticas e ações de vanguarda para a realidade do município potencializou a inclusão de Granito no cenário cultural da região e abriu novas perspectivas para os jovens granitenses. Com a parceria da escola e bastante trabalho de divulgação através da arte de pintura nos muros da cidade e a criação de espetáculos diversificados para adultos, incluindo um musical e shows de palhaços para crianças, como principal atividade do

grupo, potencializou a intenção educativa das atividades do grupo, que teve sua ampliação com a entrada de novos integrantes e com atividades nas escolas na rede municipal rural e o apoio à formação e estruturação de novos grupos de teatro.

Não existia nessa ação o objetivo de subverter a sociedade local e suas estruturas governamentais com grande carência de espaços e políticas para a juventude. Porém, como sabemos, as mudanças se processam no espaço e no tempo mediante as ações dos agentes culturais e sociais; nesse processo em que surgiram grupos e movimentos de arte e cultura com a organização de projetos que buscavam suprir a necessidade de acesso a bens e serviços culturais. Assim, os movimentos culturais estruturados na região do Araripe se fortaleceram através de ações formativas desenvolvidas e compartilhadas pelos membros desses coletivos artísticos. O trabalho de conscientização para a liberdade de existir enquanto seres pensadores de seus sonhos e do seu próprio caminho a ser trilhado foi possível pelo caráter educativo de cada projeto cultural, que se tornaram projetos sociais de educação não escolar com fins de afirmação político-identitária dos sujeitos envolvidos com base na conscientização política. Freire ao falar sobre conscientização diz:

O ponto de partida para uma análise, tanto quanto possível sistemática, da conscientização, deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos como existentes no mundo e com o mundo. Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente, a conscientização, como educação, é um processo específico e exclusivamente humano. (Freire, 2021.p,107).

A valorização dos envolvidos em atividades coletivas tanto constroi e fortalece sua identidade cultural, quanto os despertam para consciência da diversidade cultural existente e processa uma transformação individual que, conseqüentemente, produz a mudança na sociedade, a conscientização e todo processo evolutivo; porém, necessita de uma base educacional para se processar e ser sustentada em princípios democráticos e eticamente humanos. Nesse horizonte compreensivo, os Projetos Sociais de caráter cultural e artístico, especificamente não escolares, são potentes na vigência de uma educação libertadora.

O primeiro impacto nesse processo de descoberta da cultura como ação educativa foi meu próprio processo de aprendizagem e vivência coletiva em artes e adentrar no processo complexo da educação não escolar, uma vez que apesar de existir uma grande carência de oportunidades de acesso para a arte na comunidade, o desafio maior seria

formar público, buscar conhecimento para oferecer oficina de teatro para crianças e jovens do município. E apesar de concordar com a afirmação de que: “não há evidências de que o conhecimento de uma situação provoque o sujeito a mudá-la” como diz Rancière em sua obra *o espectador emancipado* (2012. p. 29), verificamos que essa consciência foi o que levou ao primeiro projeto social de educação não escolar com base teatral da região do Araripe, criado no ano de mil novecentos e noventa e quatro, assim como muitas outras iniciativas e projetos que surgiram, no entanto não ignoramos a diferença entre o observador passivo e o espectador participativo, ativo e emancipado, ou em processo emancipatório.

1.1. Levantamento das Pesquisas que se aproximam do nosso escopo investigativo.

Fundamentação teórica da pesquisa tem estudos e informações coletadas com base e referência nos estudos e Yin (2001) para abordagem do método do estudo de caso, e tem no olhar reflexivo para a construção de base teórica os pensadores Freire (1994) Freire como referência das bases pedagógicas para construção democrática da educação cidadã, tendo como base as obras educação como prática da liberdade, pedagogia do oprimido e pedagogia da autonomia (1996), Hall, (1999), e sua contribuição para análise da identidade cultural em tempos de pós modernidade e na compreensão dos diálogos entre culturas diferentes, Gohn (2010), Gohn (2015), abordando o estudo da educação não formal e seu contexto e construção histórica e seu desenvolvimento em projetos sociais e artísticos; em Brandão (2009), encontramos aporte teórico para as análises sobre educação popular, cultura popular como mecanismo e prática educativa, em Adorno (2020) e Rancière (2012) nos referenciamos sobre educação, movimentos coletivos e emancipação social, além de outros autores e autoras que nos guiam com seus trabalhos e pesquisas. Acreditamos que a pesquisa trará contribuições significativas para os estudos em educação contemporânea, através verificação das ações organizadas no projeto cultural que apresentamos como objeto de estudo em seu caráter de educação não formal.

A cultura regional araripense tem, no projeto Aricuri, a construção de um diálogo entre as manifestações tradicionais e as expressões contemporâneas, conforme Hall (1999) preconiza, fortalecendo através da educação popular sua identidade e valores culturais locais em concordância com as expectativas e necessidades de expansão para conhecer, produzir, divulgar e vivenciar a arte e a cultura viva sem fronteira.

No Repositório de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE/Campus Agreste, destaca-se que e tomei como referências os trabalhos dos mestrados em educação contemporânea dos campos da UFPE, e foi adotado como referência para o trabalho as dissertações DE ADRIEL RODRIGUES DO NASCIMENTO COM TÍTULO, DIÁLOGOS ENTRE A FESTA E EDUCAÇÃO POPULAR NO CEPA: Construção cidadã de símbolos coletivos, ano de 2022, que analisou as práticas de educação popular presentes das atividades festivas do CEPA; também no trabalho de IVAN NICOLAU CORRÊA com título, A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E SABEDORIA A PARTIR DA TRADIÇÃO HARE KRISHNA: caminhos para a pedagogia consciencial, 2020, no qual observou-se a suas análises percepções sobre as práticas de educação não escolar na comunidade Hare Krishna no município de Caruaru Pernambuco. Obteve-se ainda como referências a dissertação de MARIA ALVES DA SILVA, em sua produção, ARTE E SEU ENSINO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELAS VOZES DAS CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, aqui tomamos como ponto de observação a temática da arte enquanto elemento fundamental da construção do conhecimento, seja no campo da educação escolar ou da educação não escolar. Também encontrei o trabalho de dissertação da pesquisadora LAELBA SILVA BATISTA, pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ/UFC, Mestrado em Educação brasileira com o Título: RAP E IDENTIDADE CULTURAL: UMA ANÁLISE DOS GRUPOS IRMANDADE RAP CRATO E JÚNIOR BALADEIRA, esse trabalho em específico foi acolhido como referência para a pesquisa por tratar da cultura do hip hop e ter como objeto da pesquisa a arte de Junior Baladeira, e assim teve um grande contribuição para entender a importância cultural e artística da seu percurso artístico até a fundação do Projeto Aricuri, observamos que a trajetória cultural é um dos fatores que agregam valor social ao projeto.

Tabela 1 – Síntese das produções acadêmicas encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações no Repositório de Teses e Dissertações da UFPE/Campus Agreste. E Teses e Dissertações/Universidade Federal do Ceará/UFC.

Item	Fonte / Ano de Conclusão da Pesquisa	Instituição/ Área do Conhecimento /	Autor(a)	Foco Temático	Síntese e Resultados

		Título			
1	Teses e Dissertações UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE/Agreste. 2020.	UFPE/Campus Agreste. Mestrado em Educação Contemporânea Título A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E SABEDORIA A PARTIR DA TRADIÇÃO HARE KRISHNA: caminhos para a pedagogia consciencial	Ivan Nicolau Corrêa	refletir sobre uma experiênci a educativa não escolar por meio de uma pesquisa sobre a sabedoria na tradição Hare Krishna e suas traduções educativas , tendo como campo empírico: a comunidade rural chamada Ecovila Vraja Dhama,	Consiste numa investigação que teve como objetivo refletir sobre uma experiência educativa não escolar por meio de uma pesquisa sobre a sabedoria na tradição Hare Krishna e suas traduções educativas, tendo como campo empírico: a comunidade rural chamada Ecovila Vraja Dhama, localizada na Serra dos Cavalos, Distrito de Murici, em Caruaru-PE

				localizada na Serra dos Cavalos, Distrito de Murici, em Caruaru-PE	
2	Teses e dissertações/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE/Agreste. 2022.	UFPE/Campus Agreste. Mestrado em Educação Contemporânea Título DIÁLOGOS ENTRE A FESTA E EDUCAÇÃO POPULAR NO CEPA: construção cidadã de símbolos coletivos	Adriel Rodrigues do Nascimento	Compreender a dinâmica formativa e articulativa das festas realizadas pelo Cepa na perspectiva da Educação Popular. Para tanto, elegemos o CEPA como um espaço educativo não-escolar.	Em diferentes contextos históricos o fenômeno da festa promoveu práticas educativas condizentes e antagônicas aos interesses do povo, podendo reafirmar a organização das rotinas ou subverter a sua lógica, de qualquer modo as festas promovem intencionalidades que podem ultrapassar a sua forma e conteúdo com sentidos emancipatórios

3	Teses e dissertações/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE/Agreste. 2014.	UFPE/Campus Agreste. Mestrado em Educação Contemporânea Título: ARTE E SEU ENSINO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELAS VOZES DAS CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	Maria Alves da Silva	O estudo, desenvolv eu uma discussão teórica acerca do Ensino da Arte e os sentidos que foram sendo reproduzidos através dos tempos dentro das correntes educacionais, onde se situam as diversas concepções para esse ensino.	Trata-se de uma pesquisa que exprime uma diversidade de sentidos diferentes, mas não excludentes, o que reafirma a necessidade de mais ações e estudos articulados contemplando as especificidades dos anos iniciais do ensino fundamental, sobretudo no que se refere à infância e à compreensão do sentido e do lugar da arte e seu ensino presente no espaço escolar.
4	Teses e dissertações/ UNIVERSIDADE FEDERAL Do CEARÁ/UFC 2028	UNIVERSIDADE FEDERAL Do CEARÁ/UFC. Mestrado em Educação brasileira. Título:	Laelba Silva Batista	O trabalho tem o objetivo de compreender a relação entre o rap	Os resultados demonstraram que o rap tem sido um espaço de descobertas e de novas identificações por parte dos

		RAP E IDENTIDADE CULTURAL: UMA ANÁLISE DOS GRUPOS IRMANDADE RAP CRATO E JÚNIOR BALADEIRA		e a construção da identidade cultural dos jovens dos grupos Irmandade Rap Crato (CE) e Júnior Baladeira (PE).	integrantes dos grupos Irmandade Rap Crato e Júnior Baladeira. Possibilita a esses jovens o entendimento de que a música é uma cultura de resistência, e consolida um espaço de ressignificação da identidade cultural juvenil.
--	--	--	--	---	---

Na pesquisa bibliográfica as produções acadêmicas do repositório de dissertações do Repositório de Teses e Dissertações da UFPE/Campo Agreste e Teses e dissertações Universidade Federal do Ceará/UFC, foram nesse trabalho importante fonte de pesquisa e informações, embora verifiquemos que ainda são poucos os trabalhos que apresentam pesquisa direta sobre educação não escolar em projetos social com de pesquisa e campo no Sertão, em especial o Sertão do Araripe.

Na UFPE/Campus Agreste, nos trabalho de Adriel Rodrigues do Nascimento encontramos referência para a pesquisa sobre educação não escolar, com a diferença de que nesse trabalho analisado o ensino é direcionado a uma faixa etária específica em uma instituição de atendimento social, o do CEPA; também no trabalho de Ivan Nicolau Corrêa com título, também encontramos informações sobre a educação não escolar, no qual observamos a suas análises percepções sobre as práticas de educação não escolar na comunidade Hare Krishna no município de Caruaru Pernambuco. Na dissertação de Maria Alves da Silva, encontramos referência de pesquisa sobre a arte no ensino, porém a pesquisadora teve o direcionamento para pesquisa em educação escolar.

Nos repositórios acadêmicos não foi encontrado nenhum arquivo com pesquisa direta sobre o Projeto Aricuri, tendo sido encontrado o trabalho dissertativo desenvolvido

por Laelba Silva Batista pela Universidade Federal do Ceará- UFC. Como trabalho final do curso de Mestrado em Educação brasileira, intitulado, RAP e identidade cultural: uma análise dos grupos Irmandade RAP Crato e Júnior Baladeira, tomamos esse trabalho com referência uma vez que o Projeto Aricuri é coordenado por Junior Baladeira e tem o Hip hop como uma das atividades.

Desta forma, a presente pesquisa revela-se inédita do campo e no objeto, embora a temática diretiva do seu conteúdo geral seja elemento de outros estudos, observamos que ainda há muito a ser aprofundado sobre a educação não escolar e os projetos sociais, culturais e artísticos no Sertão Pernambucano.

2 – CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR: LÓCUS, ACEPÇÕES E CAMINHOS DA PEDAGOGIA LIBERTADORA.

*O grande direito humano
É o direito à liberdade
É o que ele mais merece
Pois não há dignidade
Quando o homem não é livre
Em sua sociedade.*

*Durante a humanidade
Liberdade é uma conquista
Pois, às vezes foi ceifada
De forma tão egoísta
Usurpando um dom divino
Pelo ego imperialista.*

*É no meu ponto de vista
Uma grande aberração
Se aprisionar um homem
Sem nenhuma explicação,
Virando ele uma vítima
Da infame escravidão.*

(Cordel: Delmiro Gouveia: o visionário do Sertão. Junior. 2012.p.01)

Esse trabalho nasceu da inquietação em saber qual a concepção de educação e propostas socioeducativas ou metodologias que o projeto Aricuri utiliza para transmitir a cultura local e desenvolver a autoidentidade, cidadania e autonomia dos participantes, através de atividades artísticas e culturais. Segundo Cabral e Albuquerque:

Nos dias atuais, várias associações, grupos de pesquisa e outras instituições ligadas à Arte, têm defendido esta área enquanto espaço de ação humana reconhecendo a capacidade de desenvolvimento humano a partir da criatividade, se tornando essência fundamental para educação como um todo (Cabral e Albuquerque, 2022, p.49).

Compreendemos as linguagens artísticas como fontes profundamente vastas e ricas de significados e potencialidades comunicativa, criativa e educativa, constituindo-se parte formadora das identidades culturais das comunidades, tornando-se um elemento comunicativo que nos primórdios da civilização humana consolidou-se em marco divisório de períodos históricos para estudos da evolução técnica e tecnológica das civilizações, sendo também, marcos de várias épocas importantes para compreensão dessa evolução social.

Em princípio, partimos da noção de que a educação que se propõe a ser ferramenta libertadora do sujeito, ao adotar metodologias que valorizam a cultura como fundamento e elemento central para sua prática, tem o grande diferencial pedagógico de partir de ações que valorizam o ser humano como elemento central, percebendo-o não como um outro que receberá conhecimento, mas como uma parte do conjunto que produz conhecimento; dessa forma a prática cultural não é apenas um elemento de identificação das práticas e costumes de um indivíduo em sua comunidade, e sim do indivíduo em si mesmo e no seu campo de múltiplas relações.

2.1. Arte e a prática de ser humano

A arte ocupa um espaço privilegiado na sociedade atual, o qual se amplia cada vez mais, devido às novas tecnologias, que possibilitam a criação e distribuição, cada vez mais elaboradas e as disseminam com muito mais rapidez no meio social, em todas as territorialidades. Assim, como as imagens, áudios e suas possíveis formas interpretativas, sendo o público constantemente bombardeado por essas expressões através dos canais de

comunicação na televisão, propagandas de rua, das revistas, dos jornais, do cinema, das redes sociais em canais de internet e em tantas outras ferramentas de comunicação. A arte enquanto expressão comunicativa e educativa, conseqüentemente, utiliza-se de meios não verbais produzidos para criar efeito de verdade e de impacto emocional nos discursos intencionalmente elaborados e transmitidos.

Discutir sobre a importância da arte é perguntar-se sobre as condições e possibilidade desta e dos efeitos e potencialidades que ele pode produzir no sujeito espectador e na potencialidade das relações entre o que faz a arte e o que a recebe para transformá-la em diálogo prático. Embora as discussões sobre a importância da arte na educação passem pelo âmbito político nos sistemas educacionais, culturais e sociais, dentro da pauta dos projetos sociais, a arte é elemento central para a educação não escolar, assim como os esportes, uma vez que mobiliza a capacidade intelectual, motora, perceptiva, criativa, reflexiva e crítica dos sujeitos sociais.

Hip hop, Projeto Aricuri



Figura 1: Arquivo pessoal

Com os jovens a dinâmica chama atenção das crianças que são apresentadas a arte pelos familiares que participam ou acompanham as atividades do Projeto. Como destacamos no diário de campo:

É comum na prática do hip hop, as crianças terem um espaço para exercitar suas habilidades de observação e de movimentos da dança, com uma surpreendente desenvoltura dos movimentos, é verdadeiramente uma aprendizagem através da observação participativa. É mesmo um projeto que podemos chamar de cultura viva. (Diário de campo, 14/03/2024).

Assim, pensando na intencionalidade que gera um movimento e a mobilização de um determinado grupo de pessoas que se unem através de um projeto social, geralmente encontramos o campo das artes e culturas, marcadores da educação não escolar. A arte por sua vez, em suas distintas linguagens carrega uma significação de movimento reflexivo e criador: reflexivo porque cria e recria possibilidades e objetos que movimentam e modificam os espaços; criadora porque desperta no ser humano o que mais o caracteriza como ser reflexivo, uma vez que historicamente falando, a sua primeira forma de registro comunicativo se dá pela capacidade de imaginar uma forma de gravar seus símbolos representativos das práticas comuns em seus lugares de vivência em grupos. Para tanto, precisou criar as condições de produção, isto é, as tintas e as ferramentas (pedra; papiro) para seu registro expressivo de criação. Assim surgem os primeiros registros da humanidade com a arte, sustentada pelas bases culturais de cada grupo identitário, “a arte instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve os objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração” Coli(1995,p.12).

Antes do surgimento da escrita já existia a imagem com suas representações simbólicas que despertaram no ser humano da época primitiva a consciência de mundo. Essa, por sua vez, levou-o à busca constante de respostas para questionamentos surgidos dentro do seu próprio íntimo intelectual. Essa dinâmica do pensamento foi responsável pelo desenvolvimento físico, moral, psicológico, espiritual e intelectual da espécie humana. No entanto, ao longo dos tempos houve uma desvalorização desse conhecimento que tem como princípio básico a leitura do meio em seu contexto social e representativo, para cada ser, em sua linha de tempo. Na história, podemos observar essa dinâmica variada no pensamento humano e em suas representações promovidas para defender os interesses de grupos políticos e socialmente predominantes.

Esse despertar criativo e reflexivo que chamamos de arte tornou-se objeto de estudo em vários campos de pesquisa e, ao mesmo tempo, base de análise em campos relacionados às propostas educativas não escolares em que os projetos culturais, artísticos e sociais de resistência emergiram. Assim, citando Gohn, (2015, p.9), que nos questiona “qual o lugar da arte nos processos de mudança e transformação social?”. Nesse indicativo, buscamos refletir sobre a arte e sua potência transformadora em comunidades, grupos artísticos e culturais, coletivos e projetos sociais.

Reisado Aricuri



Figura 2: Arquivo pessoal.

Grandeza no ato de ser humano, essa experiência de vida é observada pelo público que acompanha o Projeto Aricuri, e vivenciado na prática pelos seus participantes. Sem a pretensão de induzir alguma leitura visual da imagem acima apresentada, não nos censuramos em demonstrar a grandeza inclusiva do projeto citando a participante do Projeto, Dona Helena que diz:

Minha filha, eu acho assim, eu respondo por mim mas é uma resposta em geral você acredita solidão não existe para terceira, idade só então não existe a terceira idade, faltava somente uma pessoa que engajar nesse projeto e trouxe essa terceira idade a viver, porque nesse projeto que Junior tem, não é de dois três quatro anos, é longos anos, é desde, eu acho que tem mais de 20 anos que tinha um nome e hoje muda, e veio para ajudar, ajudar a mim, e ajudar minhas companheirinhas, porque a solidão dói, e a cultura nos ajuda, nos ajuda acho que até ficar mais jovem, você é professora, você trabalha uma coisa integrada, mas na hora que passa para trabalhar somente com o idoso aí é diferente, então esse projeto de Junior, ele veio pra nos levantar, pra nós gostarmos de viver, não cair em depressão, e o Frei disse, “não Helena eles hoje são pais adotivos e uma família de idosos de 40 e tantos idosos, é porque ontem não estava completo, mas são 40 e tantos idosos que formam este grupo de Reisado aricuri, e eu me sinto muito feliz e pertencer a este grupo, a esta família, que não é um grupo, é uma família, porque você sabe que a família é o alicerce e ele é o nosso alicerce. (P.2. 2024).

O contato com a arte desperta um estado mais sensível do homem e da mulher para com o mundo. Este estado de encantamento promove uma mudança de atitude no olhar, uma releitura no sentido de um aprofundamento de entendimento dos movimentos que formam a realidade social, histórica e cultural. A poética que envolve a vida, o uso dos sentidos e a sensibilidade para sentir o belo do mundo, desperta e desenvolve o contato com o belo e o sensível, que, por si só, está repleta de energia positiva criadora e

tem o magnífico poder de encantamento, que, ao mesmo tempo, desperta um fascínio capaz de liberar a força de criação que os sujeitos sociais têm guardado em seu interior, mesmo que aquela se manifeste de forma tímida, a arte na educação não escolar vem para fortalecer esse potencial criador; nesse sentido, é função social dos projetos culturais que têm a arte como prática, proporcionar o espaço e a condição para que o participante produza conhecimentos e desenvolva linguagens multifacetadas, baseadas nas suas descobertas e autorrealizações.

O sentimento de mundo interligado é composto por signos comunicativos diversos correspondendo à compreensão de Gombrich (*apud*. Buoro, 2002), destacando que:

É impossível entender esses estranhos começos se não procurarmos penetrar na mente dos povos primitivos e descobrir qual é o gênero de experiência que o faz pensar em imagem como algo poderoso para ser usado. Tudo que precisamos é ser profundamente honestos conosco e apurarmos se nosso próprio íntimo não se conserva também algo primitivo (Buoro, 2002, p.82).

Compreender que a formação da consciência humana e o seu desenvolvimento pessoal e coletivo, com todo o potencial que desenvolve a percepção crítica das realidades, tais como: todo o processo tecnológico, ético, moral, deu-se desde o momento em que o ser humano despertou o seu potencial criativo e imaginativo, registrando através da imagem ainda no nosso período primitivo. Quando Buoro (2002) nos convida a conservar essa honestidade primitiva, ela nos convida à busca da capacidade de preservar e explorar essa imaginação curiosa e criativa que forma a personalidade do ser humano em sua essência natural. Diante disso, fica evidente a importância de atividades de produção de arte como elemento comunicativo e emancipatório dos participantes de projetos social.

Reisado Aricuri



Figura 3: arquivo pessoal.

As inovações apresentadas ao público são influenciadas pelo multiculturalismo das atividades desenvolvidas: uma mulher interpretando o Mateus no reisado Aricuri, sem discursos verbais, mas evidenciando mudanças de gênero; o público e os participantes são envolvidos na comunicação não violenta que transforma e forma o imaginário e a identidade cultural e social de uma comunidade, como podemos observar na imagem acima. As ações de educação não escolar são potencializadas em diálogos diretos com o público através da arte e da cultura, alterando a rigidez patriarcal, a sisudez sertaneja e trazendo a brincadeira como modo divertido e sutil de mudança de percepção cultural.

2.2. Concepção de Cultura Popular

A cultura é constituinte das disposições internas/externas do ser humano, pois em todas as partes do planeta terra existem culturas como identidade, ou identidades dos mais variados povos e nações. A cultura é parte integrante da identidade de uma comunidade ou de um indivíduo.

A cultura abarca tudo o que o ser humano e o seu trabalho realizam no mundo, ao transformarem a natureza e atribuírem significados ao que fazem a ao próprio ato de fazer, de criar, de transformar. O processo social de criação da cultura é o que atribui ao ser humano a possibilidade de afirmar-se como um ser com consciência a respeito do seu saber. Enfim, como um sujeito que habita de modo singular a sociedade e constroi uma história (Brandão, 2009, p.54).

A capacidade de exercitar a consciência do potencial criativo, como forma de produzir bens e saberes capazes de modificar o espaço e a forma física da matéria para a utilidade em prol do bem-estar e melhoramento da qualidade de vida do sujeito e os membros de um determinado grupo constituem o que compreendemos por cultura enquanto atividade humana.

A cultura popular é fruto da produção das classes populares de uma sociedade, carregada de significados e significantes com suas referências históricas próprias. A cultura como prática social de transformação coletiva, como afirma Arantes (1998, p. 26), que “pertencer a um grupo social implica, basicamente, em compartilhar um modo específico de comportar-se em relação aos outros homens e à natureza”, desse modo, as práticas culturais se referem às identidades do indivíduo e sua comunidade. Brandão também nos fala sobre essa identificação social:

Não é apenas em uma sociedade transformada que se cria uma cultura e um novo homem. É ao longo do processo coletivo de transformá-la, por meio do qual as classes populares se educam com a sua própria prática e consolidam o seu saber com o aporte da educação (Brandão, 2009. p.32).

Nasce como todas as produções culturais, porém ganha distinção de nomenclatura a partir das diferenciações sociais que nascem das desigualdades, separações e buscas de controle social e político, que produzem o domínio pela imposição de valores simbólicos por parte das classes sociais dominantes. Hall (1999, p. 12) nos traz esse questionamento sobre as diferenciações dadas às diferentes manifestações culturais: “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente”. Segundo Brandão, somente após os anos de 1960, após as novas experiências e pedagogias que deram origem à educação popular, através de Paulo Freire e sua equipe de trabalho, é que o termo cultura popular ganhou espaço através da criação dos primeiros movimentos de cultura popular, isto é, os MCPs. A educação não escolar baseada nos conhecimentos e princípios culturais de cada povo e, de modo particular, das camadas populares foi fortalecida à medida que compreendeu que o *modus vivendi* das camadas populares é campo fértil de formação política, de criticidade e de criatividade tornando-se nascedouro de uma educação a partir das bases da pirâmide social: a educação popular.

O educador ou educadora social, segundo os princípios de Gohn, é um agente que trabalha com métodos, metodologias, objetivos e ações baseados no seu conhecimento e na sua visão cultural e social e deve ir além dos limites de conhecimento do grupo no qual esse desenvolva sua atividade educativa, porque trata-se de uma amplitude do saber junto à credibilidade relativa ao seu caráter e produções desenvolvidas junto à comunidade, potencializando a ação de uma educação não escolar a ser desenvolvida, uma vez que o engajamento dos participantes das atividades do grupo ou projeto está direcionado ao interesse pessoal de cada um dos agentes envolvidos nas atividades oferecidas no projeto; ao contrário da educação escolar em que a participação dos educandos é regida por normas, seguindo etapas dos ciclos de ensino-aprendizagem, regida por um currículo que mais engessa as aprendizagens de caráter generalista, a exemplo da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), desconsiderando as diferenças regionais e as potencialidades locais.

Na educação não escolar, o educador ou educadora social é elemento fundamental para a participação popular. Sobre isto, Gohn, afirma:

Em síntese, o educador social numa comunidade atua nos marcos de uma proposta socioeducativa, de produção de saberes a partir da tradução de culturas locais existentes e da reconstrução e ressignificação de eixos valorativos, tematizados segundo o que existe, em confronto com o novo incorporado. (Gohn,2010, p.55).

Projetos sociais de educação não escolar são propostas socioeducativas com identidade construída a partir da realidade das comunidades em que estão inseridas com suas tradições culturais que constituem o marco inicial para todas as construções multiculturais e formativas possíveis.

2.3. Arte na educação escolar como o sistema que direciona a construção de saberes

Vamos aqui abrir um espaço para falarmos sobre a arte na educação escolar, uma vez que a arte é uma disciplina regular para o ensino básico nacional e, dessa forma, acreditamos que existe uma necessidade de falar sobre a arte e sua prática escolar. Observamos que existe a diferença no trato e na prática artística, uma vez que no espaço escolar a produção de conhecimento se baseia em legislações, normas e diretrizes próprias, regulamentadas por esferas legais sendo municipais, estaduais ou federal.

A contextualização histórica da educação escolar com o ensino de arte no Brasil foi sempre ligada à prática da educação doutrinária ou disciplinadora e teve início com os Padres Jesuítas em processos de formação religiosa e de mão de obra, como parte do processo colonizador das práticas sociais, culturais e religiosas. Era o uso das técnicas artísticas como instrumento pedagógico para a catequese dos povos originais. Com a vinda da família imperial de Portugal para o Brasil surgiu também a educação clássica com a implantação da Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, sob a tutela da Missão Artística Francesa: uma educação considerada tão importante que era direcionada somente à nobreza e à realeza. Após a Proclamação da República, no ano de 1889, o Ensino de Arte concentra-se no desenho como linguagem da técnica e da ciência.

No século XX, precisamente, em 1920, o Ensino de Arte foi incluído no currículo escolar no Brasil como atividade de apoio a outras disciplinas escolares. Com essa característica a arte não tinha reconhecimento de importância pelas instituições educacionais nacionais.

A partir do ano de 1971, sob a ideologia norte-americana, o Ensino de Arte no Brasil passou a ser obrigatório, tendo a sua nomenclatura alterada para Educação Artística estabelecida pela lei federal nº 5.692 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Porém, o ensino técnico e não crítico, a partir do final do século XX, passou a ser denominado de Artes e ganhou um novo desenho metodológico reconhecendo a importância da sensibilização do sujeito cultural para a compreensão do mundo e apreensão de valores vitais à sua existência.

O Ensino de Arte ganhou importância no currículo escolar da Educação Básica com competências e habilidades definidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). De acordo com esse documento,

O intuito do processo de ensino e aprendizado de arte e, assim, o de capacitar os estudantes a humanizarem-se melhor como cidadãos inteligentes, sensíveis, estéticos, reflexivos, criativos e responsáveis, no coletivo por melhores qualidades culturais na vida dos grupos e das cidades, com ética e respeito pela diversidade. (BRASIL, 1999 p.173).

No entanto, esse objetivo não é objeto isolado da disciplina de Arte. O alcançar dessas metas só teria realização com o empenho presente e articulado com diferentes áreas pedagógicas.

Os anos de 1980, com as lutas para o fim da ditadura militar implantada pelo golpe político do ano de 1964, e a volta da liberdade artística, cultural, como elementos da democracia social, foi importante para o fortalecimento da arte na educação. Foi nesse período que a obrigatoriedade do Ensino de Arte, enquanto disciplina do currículo escolar, é conquistada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. O Artigo 22 - § 2º da referida lei destaca que o “Ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (1996). Para orientar as bases curriculares dessa modalidade de ensino, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) elaborou e divulgou amplamente os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCN), em 1997, que, em sua introdução, dá ênfase ao papel e lugar da disciplina ao dizer: “(...) Arte tem uma função tão importante quanto as outras disciplinas de conhecimentos que fazem parte do currículo no processo de ensino aprendizagem.” (1997). Com a autonomia governamental para o gerenciamento do entendimento e direcionamento do ensino de arte na educação escolar, o discurso ideológico sobre a

importância da arte, em tempos de governos conservadores, é um dos pontos que sofre restrições e censuras, restringir ou retirar a arte do currículo escolar é uma das formas encontradas para a busca do controle social.

2.4. Educação não escolar, alguns conceitos e práticas.

Pensar sobre educação é algo complexo e cheio de possibilidades de encaminhamentos e trilhas de saber, porém, algo é fundamental na contemporaneidade para pensar ou falar em educação; é o fato de pensar o que é humanidade, quais valores configuram a humanidade enquanto coletivo de seres vivos dotados de saberes, direitos e deveres pessoais ou grupais. Como seres políticos e sociais, propícios a diálogos e conflitos ideológicos, normas e instituições forjadas ao longo dos anos de evolução do ser humano, propiciaram a possibilidade de justiça de direitos na promoção igualitária da promoção dos meios para a evolução do ser com convivência, construção, circulação e transmissão do saber, segundo Freire:

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sentem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm (Freire, 2005, p. 83-84).

Sobre a lógica da convivência humana baseada no compartilhamento de interesses, consideramos um primeiro ponto para a existência da prática da educação não escolar em grupos sociais de atividades culturais, observando que a cultura é fruto da criação e produtos do ser humano sobre si mesmo, em acordo com Brandão, podemos afirmar que pensar a educação como elemento de função social nos encaminha para o pensar no processo histórico do humano como ser social e político. Tentando decifrar o que significa a palavra humano voltamos sempre a etimologia da palavra com sua origem no latim humanus, o que é relativo ao ser humano como espécie dotada de inteligência e linguagem articulada, dotado de indulgência, compreensão, respeito, amor e um conjunto de características que o leva a ter boas relações pessoais e coletivas. Nessa perspectiva, a educação, como construção social que promove a humanização do ser e, ao mesmo tempo, se apresenta como direito humano universal com diretrizes das nações unidas e leis nacionais, apresenta-se como princípio norteador para o ser humano em sua coletividade, em manutenção da sua individualidade.

Acompanhando Freire em seu pensamento, consideramos a educação como elemento primordial para a humanização do ser nos cenários contemporâneos, observando que no campo da educação não escolar em seus primórdios, o ser era parte de um coletivo em processos de hominização. Para pensar, cronologicamente, a educação e sua origem, podemos pensar nessa prática educativa como princípio das formas de transição de saberes, valores e regras e disciplinas sociais, em encontro aos estudos com Brandão que diz:

Não existiu primeiro um saber científico, artístico ou religioso, “sábio e erudito” ...Houve primeiro um saber de todos que, separados e interditados, tornou-se “sábio e erudito”; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como “popular” o saber do consenso de onde se originou. A diferença fundamental entre um e outro não está no grau de qualidade. Está no fato de que um, “erudito”, tornou-se uma forma própria, centralizada e legítima de conhecimento associado a diferentes instâncias do poder, enquanto o outro, popular, restou difuso – não centralizado em uma agência de especialistas ou em um pólo separado de poder- no interior da vida subalterna da sociedade. (Brandão, 2006, p.32-33).

Educação como uma forma solidária de compartilhamento de conhecimentos, técnicas, saberes e valores baseados em princípios metodológicos de determinados grupos sociais, pode ser apontado como primeira forma de educação existente dentro das práticas de convivência humana, ainda sobre a hipótese da transmissão de saberes nas populações tribais, grupos antigos, como princípio das atividades de educação popular. Brandão (2009) nos apresenta quatro sentidos, formas possíveis de análise dos pontos de identificação da educação não escolar, a saber, a educação da comunidade primitiva, educação da sociedade igualitária, educação do ensino público e educação das classes populares.

Em um primeiro momento, ainda nas práticas sociais mais primitivas, estendendo-se aos povos indígenas, os saberes e a preparação dos jovens para as atividades e funções a serem assumidas no grupo serem transmitidas por figuras que detinham o conhecimento e a autoridade moral e espiritual para formar os jovens, a educação popular figura em prol da formação social, cultural, baseada nos valores do grupo. Brandão (2009) nos convida inicialmente a pensar sobre a importância do poder de comunicar, diálogos, dizendo que a teoria de educação não escolar é basicamente uma relação entre a palavra e o poder, porque a palavra é um ato de poder, o que equivale afirmar que quem detém o saber e o poder deve transmiti-los através da palavra: ato que leva ao exercício para os aprendizes, de saber ouvir, e respeitar os saberes que os mais velhos adquirem com o tempo, o

observar, o ouvir em convivência no grupo, etnia, e com a natureza, o exercício do uso dos cinco sentidos naturais do ser humano.

Compreendemos aqui a educação não escolar no sentido da busca por uma educação que valorize e potencialize a democratização dos direitos humanos com justiça social historicamente negada às camadas sociais populares de baixa renda renegadas à desvalorização pessoal e coletiva. Esse sentido e conceito de Educação não escolar pode ser localizado em várias literaturas, dentre elas nas obras de Paulo Freire, quando a partir dos anos 1960 iniciou seus estudos, experiências práticas de alfabetização inovadora com o objetivo de levar o Brasil a superar o alto índice de analfabetismo, promovendo a educação de jovens e adultos que tiveram o direito ao acesso escolar negligenciados pelo estado; assim a educação não escolar, no sentido de educação para as classes populares desfavorecidas, surge e firma-se como uma luta política social de defesa da garantia da educação para todos como fator determinante para verdadeira humanização do ser, provocando reflexões sobre a importância de educar para humanizar o opressor e o oprimido, como potencialidade concreta da educação transformadora:

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que explicitam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. (Freire, 2021, p.116).

Analisar a educação sobre o prisma do acompanhamento dos saberes e descobertas de Freire nos possibilita encaminhar nossos estudos, que aqui se faz sobre educação nos modos educacionais do Projeto Aricuri que utiliza seus saberes e vivências culturais como elementos de promoção de educação. Sendo que interfere na realidade, todo educador, como agente da educação é um ser político, assim nesse campo da educação, com todo enfrentamento de dificuldades e obstáculos institucionais, uma vez que as escolas públicas não foram ao longo dos anos equipadas para o alcance das propostas pedagógicas de promoção da educação democrática. Como diz Freire (1996, p.86): “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”.

Embora ainda complexo o conceito de educação não escolar, suas ações surgem em contextos gerais, da capacidade de autogerenciamento de um determinado grupo social ou coletivos identitários que compõem um determinado eixo social, identificando ou identificados com lideranças validadas pela prática social e importância cultural

certificada em ações junto a determinados agentes envolvidos no projeto. A definição de Gohn (2016) sobre educação não escolar será adotada neste trabalho como guia para análises e questionamentos:

Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo. O mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados *a priori*, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar é construído como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades dos que participam. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. (Gohn, 2016, p.19).

Cabe refletir sobre a ação educativa como ação gerenciada e conduzida com princípio de ser uma ferramenta de construção em diálogo com as experiências dos indivíduos em questão, direcionado à promoção da autonomia do saber; desse princípio da valorização do processo da construção do saber, nos remete para o passado e o presente do indivíduo para contribuir com os anseios deste para o futuro. Potencializar o sentido humano de justiça social formando o indivíduo para a vida e suas diversidades e não apenas o capacita para o mercado de trabalho, seguindo os princípios preconizados pelos teóricos da educação popular. Essa prática pode ser compreendida ao pensarmos em quem são as pessoas envolvidas nas atividades dos projetos sociais, no caso do nosso objeto de estudo, o Projeto Aricuri, identificando esses sujeitos, em cada esfera participativa, dessa forma pensamos no local de cultura e sua amplitude de vivências e significações identitárias com os seus potenciais e anseios. O aprendizado com a educação não escolar se processa através de atividades artísticas, culturais, baseia-se na felicidade de aprender compartilhando, em movimento, com intencionalidade formativa e diálogos. As dimensões subjetiva e intersubjetiva dos envolvidos são elementos relevantes em razão da compreensão da educação de natureza integral dos sujeitos aprendentes no sentido de existir para além de um currículo escolar, disciplinar, que permeiam os anseios por um mundo justo e democrático, assim parafraseando Gohn:

Prefiro fundamentar a educação não formal em critérios da solidariedade e da identificação de interesses comuns, parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo. (Gohn, 2016, p.20).

A grandeza das ações desenvolvidas em projetos que concentram uma grande variedade de identidades consiste na capacidade política de ação através da significação democrática do sentido de existir, conhecer a si para ir além de si mesmo transcendendo

o singular para alcançar o coletivo equilibrado e coerente com os princípios de justiça social.

As diferenças sociais não são simplesmente dadas à experiência através de uma tradição cultural já autenticada; elas são signos da emergência da comunidade concebidas como projetos – ao mesmo tempo uma visão e uma construção – que leva alguém para além de si para poder retornar, como um espírito de revisão e reconstrução, as políticas do presente. (Bhabha, 1998, p.22).

A educação não escolar como ação transformadora contribui para conscientização social sobre a importância de uma educação pública de qualidade direcionada para as classes sociais mais pobres. Brandão mostra que entre os anos de 1960 e 1990 houve uma mudança de paradigma da visão e objetivos da educação não escolar: em um primeiro momento entre 1960 e 1970 existia uma maior preocupação, no amplo espaço geográfico nacional, com o desenvolvimento da cidadania através da inclusão e acesso ao trabalho, pela educação como um direito à formação profissional, à inclusão das classes populares marginalizadas no seu processo histórico. Porém, fez-se necessário rever alguns parâmetros, uma vez que a educação pública não atendia às expectativas sociais e culturais da proposta pedagógica; entre os anos de 1980 e 1990, a educação não escolar buscou atender o sujeito em seu local de existência coletiva, segundo Brandão, a educação da comunidade se dá através dos seus indivíduos, assim as ações sociais de educação são pensadas nas comunidades ou grupos a partir do envolvimento de cada agente em sua esfera pessoal e essas ações são capazes de transformar a coletividade em seus eixos sociais de abrangência. Nesse caminho pela busca de uma educação pública com caráter popular democrático, Brandão afirma:

A partir da “luta pela escola pública” e das primeiras iniciativas de “combate ao analfabetismo”, muitas conquistas foram obtidas. Mas o ideal de uma educação popular liberal foi um projeto nunca plenamente realizado no Brasil. Mesmo em graus elementares, a escola pública é deficiente e deixa ainda à margem de uma educação escolar adequada um número muito grande e persistente de crianças, adolescentes e jovens pobres. Finalmente, todo o processo de modernização do sistema escolar não resultou, até agora, em uma oferta de educação compatível com as necessidades de instrução, formação, instrumentalização e capacitação das pessoas do povo (Brandão, 2009, p.18).

A educação não escolar tem seu berço na origem e proposta em um projeto político social que visa ações práticas de educação dirigida às classes populares. É uma educação que envolve todas as esferas envolvidas, inclusive do educador uma visão de

mundo justa que promova a humanização dos seres para a coletividade. É um projeto social de educação possível, viável, porém que requer um interesse e um sentido de pertencimento de todos. Outra categoria de educação, que aqui nos pertence como objeto de maior observação é a educação não escolar, que é baseada na livre adesão de grupos populares e desenvolvida com metodologias criativas geralmente ligadas às práticas artísticas, culturais e esportivas. A intencionalidade e a aprendizagem não são espontâneas, mas produzidas com métodos, acordos pedagógicos e propostas formativas concebidas, discutidas e elaboradas coletivamente.

Para Gohn, as interações entre os indivíduos são essenciais para a troca de novos saberes, em que essas ações acontecem de forma verbal, carregadas de tradições culturais que as expressões orais possuem a partir da educação não escolar, essa proporciona alguns o desenvolvimento de:

- Consciência e organização de como agir em grupos coletivos.
- A construção e reconstrução de concepção(ões) de mundo e sobre o mundo.
- Contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade.
- Forma o indivíduo para a vida e suas diversidades (não apenas o capacita para o mercado de trabalho).
- Resgata o sentimento de valorização de si próprio... ou seja, dar condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (como seres humanos) dentro de suas diferenças.
- Os indivíduos adquirem conhecimentos a partir de sua própria prática.
- Desenvolve a cultura política do grupo. (Gohn, 2016, p.21)

A autoidentificação do indivíduo com determinado movimento social potencializa a prática educativa e o aprendizado de cada agente envolvido ou acolhido. Então as pessoas aprendem no exercício das trocas de saberes e de decisões coletivas, privilegiando caminhos de vivências democráticas em que os sujeitos se descobrem agentes dos processos em construção. Como ensinar-e-aprender tornam-se inevitáveis para que os grupos humanos sobrevivam agora e através do tempo, é necessário que se criem situações pedagógicas em que as atividades culturais e a convivência sejam também momentos de circulação de saberes, bastante ensaiados no Projeto Aricuri no sertão pernambucano.

2.5. Educação Libertadora: sentidos e alcances.

Para pensar a educação como prática de liberdade dentro do campo prático e histórico é fundamental pensar a educação não escolar e refletir sobre sua organização e origem, uma vez que está diretamente ligada à capacidade de organização dos movimentos sociais de luta pela garantia dos seus direitos que constitucionalmente foram conquistados, outrora, através de outras lutas em busca dos mesmos objetivos. O professor e pesquisador Streck (2010, p. 300) nos fala que “isso pode significar a reivindicação de espaços na estrutura existente, mas pode também representar o engajamento na luta por rupturas e pela busca de novas possibilidades de organização da vida comum”. Assim os movimentos de educação não escolar, nascem como uma prática libertadora de homens e mulheres através da educação, através da sistematização dessa busca em propostas pedagógicas pensadas, primeiramente, como proposta prática de reação a esse déficit histórico produzido pelas desigualdades sociais e econômicas e pela prática de poder político que historicamente determina e produz mecanismos e leis que sustentam e garantem essa desigualdade existente. Nesse diapasão interpretativo, Arroyo diz que:

Os movimentos sociais reagem a esse despojo de seu lugar na história cultural e intelectual da humanidade, ao criar seus espaços, oficinas, escolas, universidades populares e ao ocupar os espaços hegemônicos de validação do conhecimento. Mostram a falsidade das narrativas hegemônicas da nossa história e da educação. (Arroyo, 2014, p.66).

Para que educação? Por que ou para quê educar? O sentido da busca do conhecimento que conduz ao bem comum pode ser considerado um elemento que possibilita a busca e o encontro para algumas perguntas. O questionamento não é um ato pessimista, ou um ato de um pessimista perante algum quadro representativo da realidade em um dado momento histórico, mas sim, uma confirmação do ser humano singular com significação no contexto plural que compõe uma sociedade.

Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade. A captação que faz dos dados objetivos da sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica, e por isso, reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos. Ademais é o homem, e somente ele capaz de transcender. (Freire, 2022, p.56).

Cada indivíduo carrega em si uma capacidade natural para questionar a realidade, a criticidade da realidade necessita, no entanto, de uma base educativa para que essa

observação individual não se configure de forma ingênua e sem base verídica dos fatos, como uma opinião radical estacionária. A liberdade como objetivo da prática educativa parte do princípio da capacidade, defendida por Freire, de que o ser humano é capaz de transcender seus próprios limites na construção de uma realidade democrática e humana, percebendo o que o prende aos sistemas de desigualdades e injustiças sociais. É a não compreensão do significado de liberdade. Com as palavras de Freire argumentamos que:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus proprietários exclusivos, mas também aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões (Freire, 2021.p. 47).

A educação é uma construção histórica da humanidade e segue seu processo evolutivo como elemento representativo da necessidade estruturante das esferas sociais em cada época, como elemento de construção política estruturante da esfera social, como base mantenedora e criadora dos sistemas que engendram as bases de controle social.

As práticas de educação não escolar que se processam em projetos sociais, por surgirem a partir das realidades de desigualdade social e pela busca da construção de espaços coletivos de direitos ao acesso a bens e serviços humanizados é na prática a educação libertadora e, potencialmente, promovem a emancipação dos seus participantes com ações políticas solidárias. Segundo Arroyo (2014.p. 102): “a necessidade que instiga a criatividade produtiva é uma necessidade humana que instiga e é instigada por uma inteligência, criatividade humana, cultural e ética”. A educação como prática cultural e cultura como elemento educativo são fundamentais nas ações emancipatórias dos seres humanos.

Essa consciência, uma vez adquirida, é exercida pela pessoa que aprende a libertar-se, é vivenciada em outros espaços, fato que contribui para a emancipação e melhoramento das atividades de educação não escolar por parte dos envolvidos. Podemos dizer que as atividades desenvolvidas em projetos sociais alcançam todas as esferas de uma sociedade através da influência da prática ativa e liberta as pessoas que fazem parte dos grupos em emancipação. Porém, sem pretendemos romantizar, uma vez que todo o trabalho desenvolvido por projetos sociais de educação e cultura que atende à classe popular e empenha-se na prática do acesso ao que seria, ou deveria ser

um direito garantido através de muitas lutas já antes travadas, e tem em seu caminho obstáculos diários, não obstante, tendo presente um processo intencionalmente pedagógico que também comporta contradições e desafios em suas práticas cotidianas. O conhecimento é construído em todas as vias para que se processe a ação cultural educativa que promova a liberdade para o ato de ensinar e para o aprender a ser livre, mediante o exercício dialógico e horizontal. O processo não se dá de forma aleatória e sem bases metodológicas e teóricas, como afirma Gohn:

Tem de ocorrer primeiro a escuta, estabelecer o diálogo, captar as matrizes articulatórias das suas práticas discursivas. Forma-se assim uma espiral reflexiva que resulta num conhecimento fruto de um saber construído, via uma investigação emancipatória, porque construída a partir da cultura local, dos valores e pertencimentos da comunidade (Gohn, 2010.p.53-54).

A condição primária para a prática educativa para a liberdade é o diálogo, como elemento do direito de fala garantido e respeitado, em igualdade de voz; um anúncio não é um diálogo, um discurso político que fala sobre direitos humanos sem a prática na ação dirigida a toda sociedade: esta condição não constitui diálogo. A vivência democrática precisa dessa base dialógica, pois, segundo Freire, falar em democracia e silenciar o povo é uma farsa, é algo falacioso. No contexto histórico atual brasileiro, podemos pensar a educação para liberdade em duas frentes: no ato de ensinar, ou seja, a liberdade garantida e assegurada para os educadores e educadoras na sua prática pedagógica e o ensino como mecanismo libertador do ser que aprende, no potencial de conhecer e conduzir-se ao pensamento crítico-reflexivo e descobrir-se livre, como sujeito com todo o seu potencial humano, isto é, o sujeito emancipando-se processualmente e através do coletivo, do exercício da troca de saberes, experiências e ações conjuntas, compartilhadas.

No contexto de construção de uma pedagogia libertadora observamos em estudos aqui referenciados e em observações diretas no projeto social que é objeto de análise neste trabalho, destacamos que a arte e a cultura enquanto elementos formador do significado prático de ser humano, e com base nas formas e modos operantes da educação não escolar, são ferramentas relevantes e fundamentais para o construção da teoria e prática libertadoras, tanto no que se refere às metodologias e práticas educativas, quanto ao sentido libertador do ser que aprende a ser liberto e, constantemente, agente do libertar-se, durante as constantes mudanças que o cenário contemporâneo se nos apresenta diuturnamente.

A sociedade que não está educada para evoluir na sua temporalidade; está sujeita a facilmente ser levada a crer, acompanhar e até defender ideias sem valores humanos e princípios morais. Não defendemos que o analfabetismo é determinante do caráter, essa é uma inverdade universal que combatemos com veemência; a identidade não se aprende em nenhuma forma de educação. O que trazemos em questão é a produção rápida composta de falsas informações que são absorvidas por uma parte da população que se apresenta desatenta e alienada aos processos que constituem os diversos contextos sociais preñhes de falácias, de ódio e de violências físicas e simbólicas em múltiplas direções, fortalecendo o leque de preconceitos existentes e resistentes.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, que se refere à análise do objeto de forma a buscar compreender seus mecanismos através de práticas dialógicas, com observações, nesse caso, a observação participante, com a finalidade de obter dados relevantes quanto à implantação, ao desenvolvimento do Projeto Aricuri no Sertão de Araripe, seguindo os estudos de Bardin (2016) em termos de análise compreensiva dos dados obtidos o campo.

Em se tratando da pesquisa qualitativa, Bardin (2016, p.145) pronuncia-se como aquela que “corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e adaptável aos índices não previstos, ou à evolução das hipóteses”. Essa característica permite o olhar da subjetividade na abordagem e no processo de análise metodológica, não perdendo, pelo rigor e técnicas utilizados, o caráter científico em todas as etapas da investigação científica.

Para a coleta de dados, servimo-nos das entrevistas semiestruturadas e da observação participante no intento do diálogo com os participantes da pesquisa de evidenciar as práticas educativas neste espaço não escolar. Como instrumento da observação participante, o diário de campo foi fundamental, pois à medida que presenciava as atividades do grupo em questão, fiz as anotações relevantes tanto nos ensaios como nas apresentações. O foco essencial foi perceber as interrelações do coordenador com os demais membros e destes entre si, visando enxergar os modos de aprendizagem, de ensino, de trocas de saberes, que produziam autonomia, autoconfiança, dos participantes.

Com a análise qualitativa, baseada teoricamente em Bardin, a técnica da análise dos dados coletados, a organização foi construída em três etapas, sendo primeiro a organização com material das entrevistas, por uma amostragem significativa de membros e participantes do projeto Aricuri, após a transcrição completa das entrevistas (gravação em áudio e vídeos); em segundo, fizemos a codificação dos dados para analisar os fatos e informações relevantes; em terceiro trabalhamos a categorização que Bardin define como:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero(analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. (Bardin, 2016. p.147).

Com o cumprimento dessas etapas, as análises de informações obtidas em entrevistas e na observação participante foram adquirindo clareza e melhor desenho interpretativo baseados nos estudos de Bardin (2016).

O Projeto Aricuri caracteriza-se como um “fenômeno social complexo”, Yin (2001.p.21) e atenta para a nossa busca de compreender “como” se processam as práticas socioeducativas presentes neste sujeito coletivo. O projeto aqui estudado manifesta peculiaridades significativas em meio a vários grupos culturais presentes no sertão pernambucano. Como escopo interpretativo, utilizamos o estudo de Caso Alargado como parâmetro e modo de trabalho para melhor analisar as experiências vivenciadas no coletivo Aricuri, que resguarda singularidades e assim revela-se como objeto significativo, de relevância socioeducativa, podendo contribuir para a nossa área de conhecimento. O caso alargado aqui utilizado como método de pesquisa se dará uma vez que o Projeto Aricuri tem uma vasta ramificação de ações identitárias e culturais com um centro comum, como diz Lage (2013.p.61): “ o método do caso alargado é caracterizado por um estudo de caso convencional que tem alargada as suas implicações quando da sua conclusão”, coadunando com o projeto social situado no sertão, com muitas variáveis, cujas formas de existir e de resistir mantém-se firme na formação artística, cultural e cidadã dos seus integrantes.

3.1. Técnica de coleta dos dados

Na tecer da pesquisa utilizou-se as técnicas de coleta de dados que conduziisse, apoiadas na pesquisa qualitativa com a maior imparcialidade para o resultado, uma vez que existe uma proximidade afetiva entre o investigado e o investigador, nas relações interpessoais e culturais do grupo abordado. Assim, a partir dos devidos mapeamentos das atividades da agenda do projeto Aricuri, realizamos inicialmente um levantamento dos pontos e atividades para realização da observação participante como meio de coleta e levantamentos de dados e informações pertinentes para a pesquisa. Em primeiro destaque, focamos na característica singular para os projetos sociais e culturais da região, que se apresenta na não existência de uma sede ou endereço fixo para o projeto analisado, analisamos com detalhes esse ponto mais adiante, porém já destacamos que a observação participante parte do princípio de acompanhar os participantes em suas identificações com os espaços públicos, como a praça Frei Damião, que simboliza a liberdade de existir e resistir às dificuldades. Assim como nos orienta Yin:

A observação participante é uma modalidade especial de observação na qual você não é apenas um observador passivo. Em vez disso, você pode assumir uma variedade de funções dentro de um estudo de caso e pode, de fato, participar dos eventos que estão sendo estudados. Em zonas urbanas, por exemplo, essas funções podem variar de interações sociais informais com moradores da região a atividades funcionais dentro do bairro (Yin, 2001, p. 116).

Para essa pesquisa, a observação participante revelou-se a forma apropriada para a coleta dos dados, seguindo os princípios norteadores dos estudos de Yin, que também nos apresenta a reflexão sobre a importância de não perder a objetividade da pesquisa na prática da observação participante; o autor nos lembra da importância de existir ‘equilíbrio entre as oportunidades criadas e o problema’ estudado.

Para a coleta das informações foram realizadas entrevistas com uma amostragem representativa dos participantes do Projeto Aricuri, tendo sido entrevistados um coordenador, dois participantes ativos das atividades e um representante da comunidade local. Com perguntas semiestruturadas das entrevistas, segundo Bardin (2016, p 94) nos possibilita o fato de que “lidamos com uma fala relativamente espontânea, com discurso falado”, essa característica tem o potencial comunicativo muito importante para a análise das informações, cabendo uma leitura mais complexa e completa por parte do pesquisador, que de forma ética com base e foco na coleta de dados relevantes para a pesquisa científica. Com gravação em áudio e transcritas textualmente, as entrevistas foram elementos essenciais para coleta de dados em um estudo de caso alargado, como

forma de atender aos objetivos estabelecidos. Yin (2001) nos chama a atenção para o fato de que os dados obtidos nas entrevistas devem ser analisados em “colaboração com outras fontes”, aqui nos servimos também de alguns registros, anotações espontâneas existentes no acervo do coletivo Aricuri.

Como ferramenta de registro direcionado ao sequenciamento e controle dos dados levantados e de registro de todo o processo percorrido durante a pesquisa, utilizamos a construção do diário de campo como fonte informativa, guiada por Lage (2013, p.71). que diz: “Nesta direção, o diário de campo, é um instrumento não só de registro, mas fundamentalmente um instrumento de análise de todo o trabalho de campo”. Nessa perspectiva de entendimento consideramos o diário de campo como uma peça fundamental para a nossa própria análise enquanto pesquisadores, um instrumento de guia para chegar aos objetivos da pesquisa.

Por nos servirmos da observação participante, servimo-nos do diário de campo em que todos os dados e percussão de evolução da pesquisa foram registrados como estratégia de controle e revisão cronológica e informacional, seguindo os estudos e Lage que sobre o diário de campo nos informa:

Sem uma forma sistêmica de registro das observações, corre-se o risco de ficar findado o período do trabalho de campo, perder a memória de momentos importantes. Nesta direção, o diário de campo, é um instrumento não só de registro, mas fundamentalmente um instrumento de análise de todo o trabalho de campo. (Lage, 2013 p.71).

O diário de campo nos possibilitou a verificação e controle de produção. Para a formulação de hipótese e levantamento de informações consistentes para o trabalho, de forma relevante, foi realizada a apreciação prévia dos arquivos com registros das atividades realizadas durante o Projeto Aricuri e observações diretas das atividades do projeto.

3.2. Técnica da Análise dos Dados

Com técnica de análise dos dados, temos Bardan como referência, em sua obra análise do conteúdo, seguindo as três etapas por ela estabelecida.

Na Pré-análise buscamos organizar o nosso trabalho a partir organizamos o material coletado com a transcrição escrita e cuidadosa de todas as entrevistas realizadas,

ouvindo-as atentamente na busca de captar as intencionalidades sonoras e as emoções gravadas, organizamos o conteúdo visual em fotos catalogadas possíveis de serem objetos de leitura visual e quais seriam destacadas e utilizadas como texto imagéticos no nosso trabalho, na construção das e na busca das impressões e orientações em contato com o nosso objeto e campo de estudo, uma vez que o Projeto Aricuri não adota a metodologia de criar um arquivo documental, a nossa “leitura flutuante” deu-se na prática da observação participante. Em seguida selecionamos documentos produzidas com algum nível de relação com o nosso objetivo, objeto ao campo de pesquisa, e com a regra da representatividade analisamos um grupo de quatro trabalhos no repositório de teses e dissertações da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE/Campus Agreste e da Universidade Federal do Ceará- UFC. A formulação de hipóteses e dos objetivos da pesquisa foi realizada em conjunto com a exploração e observação inicial da pesquisa, sendo realizada uma revisão dos objetivos estabelecidos para melhor desenvolver a análise do conteúdo coletado.

Na etapa de exploração do material, organizamos o material coletado em tabela para melhor codificar e identificar os símbolos e palavras chaves para nossa análise, como forma de melhor organizar um caminho prático para identificar as palavras e suas significações comparativas ou não na construção da análise. Assim construímos um mapa visual, em cores, com destaques para questões importantes na busca de padrões significativos para nossa pesquisa.

O tratamento dos dados, a inferência, a interpretação podem ser observados como o momento mais complexo da análise, uma vez que durante nossa pesquisa estivemos em contato com um conjunto de informações, dados e conteúdo que não se distanciam dos seus agentes humanos construtores e consumidores. Uma vez que o nosso campo de pesquisa é um projeto social com atividades em cultura e arte e os seus participantes, aqui os nossos colaboradores são os agentes da prática e da ação do nosso objeto de estudo, logo o nosso objeto confunde-se com o nosso colaborador. Dessa forma para nossa análise dos dados nos concentramos nos códigos, nas palavras indutoras e sua sequência representativas para analisar a mensagem em tratamento de cada questão analisada.

3.3. O campo de pesquisa- Projeto Aricuri

O projeto social fica situado no município de Ouricuri na região do Araripe pernambucano que pode ser chamada de celeiro de poetas e cantadores, com a caatinga e sua riqueza singular e de belezas naturais exuberantes; essa região abrange uma área de 12.020,30 Km² e é composta por dez municípios, sendo o município de Ouricuri um polo de referência na região. Cenário de grande patrimônio cultural, Pernambuco tem uma intensa atividade artística e cultural produzida no interior do estado com uma juventude ativa e criativa. Tudo isto sinaliza o poder resistente e criativo do povo sertanejo e desse modo faz história, produz sentidos individuais e coletivos, como afirma Freire:

A criatividade e as finalidades que se acham nas relações entre os seres humanos e o mundo implicam que essas relações se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural. Para os seres humanos, o aqui e o ali envolvem sempre um agora, um antes e um depois. Desta forma, as relações entre os seres humanos e o mundo são em si históricas, como históricos são os seres humanos, que não apenas fazem a história em que se fazem, mas, conseqüentemente, contam a história deste mútuo fazer. (Freire, 2021. p.112).

O espaço da pesquisa do nosso objeto estudo é localizado na cidade de Ouricuri, na visão geral suas características geográficas, econômicas e políticas é o município de maior destaque na região conhecida como o pólo gesseiro em Pernambuco, por sua localização estratégica que liga as rotas rodoviárias para Recife, capital do Estado, Petrolina com fronteira para o estado da Bahia, Araripina com fronteira para os estados do Piauí e Ceará e Exu com ligação com o Ceará.

A dinâmica das atividades do Projeto Aricuri, não existe um espaço físico delimitado, uma sede, as atividades são realizadas em espaços coletivos de convivência comum dos grupos identitários participantes, como praças públicas, parques municipais, academia das cidades, centros comunitários, feiras livres e outros espaços sociais. Essa rotatividade de cenário que inicialmente foi motivada pela dificuldade financeira que impossibilitou um local fixo para as atividades, se mostrou ao longo dos anos como o ponto de fortalecimento do projeto uma vez que as relações culturais da comunidade envolvida se intensificaram com a identificação através dos locais e sua representatividade histórica para os participantes.

O Projeto Aricuri possibilita a construção de um diálogo entre as manifestações tradicionais da região do sertão pernambucano e as expressões contemporâneas, fortalecendo a identidade cultural de crianças, jovens e idosos do município de Ouricuri envolvidos neste projeto. Hall (1999) advoga que os aspectos que produzem as mudanças

nas estruturas das manifestações culturais de uma sociedade são baseados nos confrontos entre as diferentes identidades com as quais poderíamos nos identificar.

O projeto Aricuri traz, no próprio nome, a identidade do município de Ouricuri e da região do Sertão do Araripe Pernambucano como uma ferramenta de educação social, promovendo um ambiente de convívio social possibilitador de produções da diversidade cultural, influenciando, diretamente, a região, através do encontro de inúmeros agentes da sociedade com um público variado, organizados em diversas expressões e representações culturais.

O projeto social fica situado no município de Ouricuri, na região do Araripe pernambucano, surgiu dos anseios de um artista, professor de história e arte, educador por identificação, fruto do seu envolvimento com as necessidades identitárias da população local. Um defensor dos direitos aos bens culturais e educacionais, à literatura assim como às linguagens artísticas afins, que garante ao público-alvo do projeto o direito aos bens de lazer, espiritualidade, construção íntima e indissociável entre corpo, realidades circunstantes contribuindo com as identidades individual e coletiva. Busca o direito aos bens culturais, educacionais, a literatura e as linguagens artísticas afins, garante ao público do projeto promover o acesso aos bens de lazer, espiritualidade, bem-estar de corpo e mente. O direito a existir em plenitude como ser humano. Humanizar o que é humano desumanizado, criando uma linha para o diálogo da classe que detém o poder político e econômico local com os grupos populares, que no projeto Aricuri, têm o poder de fala. Como afirma Freire quando fala:

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É uma distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como ‘seres para si’, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e está, o ser menos. (Freire, 1987, p. 16).

Com fundamento nessa linha de conhecimento, compreende-se que a identidade cultural se consolida à medida que dialoga com culturas diversas de forma a criar um diálogo unificado com reconhecimento de cada identidade de grupo, compartilhando conhecimentos e espaços, fortalecendo, na juventude, sua identidade e valores culturais

locais em concordância com as expectativas e necessidades de expansão, para conhecer, produzir, divulgar e vivenciar a arte bem como a cultura viva sem fronteiras. Deste modo, a consciência identitária leva à transformação e ao desenvolvimento e, é por meio dela, que o ser humano amplia suas leituras de mundo, suas iniciativas e intervenções nas sociais para construção da sua identidade cultural. Nesse sentido, projetos e formações nas áreas das Arte e Cultura são essenciais para proporcionar uma visão de mundo e da própria arte, mais humana, aberta a possibilidades e mudanças, além de gerar uma rede de educação, comunicação e uma economia solidária.

O Projeto Cultural Aricuri é uma iniciativa que visa a promoção de ações culturais em Ouricuri e em outras cidades da região do Araripe, realizando atividades semanais gratuitas em praça pública, Praça Frei Damião, com leituras, danças e algumas outras atividades culturais que mobilizam, principalmente, os jovens, alcançando outros espaços da cidade, como praças, escolas e comunidades do campo do município. Além disso, com os idosos, são trabalhadas danças populares e o resgate de tradições da região, tais como: reisado, pastoril, xaxado e dança de São Gonçalo. No Hip Hop, os jovens aprendem os passos da dança de rua e, nos encontros de leitura, são realizadas oficinas, leitura de gibis, cordeis e outros textos relativos à memória histórica e às potencialidades locais. Aos adeptos dos jogos de tabuleiro, é dada a oportunidade de aprender ou praticar xadrez, damas, ludo e outros jogos de raciocínio, incentivando a autoestima e o protagonismo dos seus participantes. Também são realizados diversos eventos pelo projeto, celebração de ciclos culturais, competições e outros movimentos. O Projeto em suas atividades chega a atender cerca de cem pessoas por semana entre crianças, jovens e idosos. Surgido como um projeto de leitura para crianças e dança para idosos, atualmente conta também com atividades fixas semanais, aula de xadrez e outros jogos de tabuleiro para crianças, jovens e adultos e Hip hop para crianças e jovens.

3.4. Colaboradores/as da Pesquisa: Perfil e Critérios de Seleção

Como critério primeiro para ser um colaborador, os entrevistados para nossa pesquisa foram membros participantes em atividade no projeto, em alguma atividade artística ou da equipe de coordenação, temos uma amostragem menor em entrevista com membro da comunidade que acompanhe e conheça o Projeto Aricuri. Todos os colaboradores residem na cidade de Ouricuri e desenvolvem atividades culturais e

artísticas. Nesse processo, nossa pesquisa contou com quatro entrevistados, sendo um coordenador, dois participantes ativos no projeto e um membro da comunidade local.

Respeitando os critérios de comunicação interna do projeto Aricuri, buscamos em um primeiro momento o diálogo com a coordenação do projeto e acompanhar o seu cronograma de atividades e apresentações. Ao longo do processo de observação das apresentações artísticas dos grupos foi possível identificar os entrevistados em critérios diferentes. Seguindo o critério de ser uma entrevista com membro de atividades diferente, uma pessoa do grupo de idosos e um do grupo dos jovens; não adotamos o critério de seleção de gênero diferentes, embora, os encaminhamentos no decorrer do percurso tenham nos levados à participação de uma Mulher, idosa de setenta e três anos e um homem, jovem de quinze anos, ambos dançarinos. Para o grupo de idosos a entrevista foi realizada com a “porta voz” do grupo, segundo a qual existem mais de quarenta membros nas atividades de danças culturais, entre reisado, xaxado, pastoril e a quadrilha junina.

O direcionamento ao entrevistado do grupo e do movimento de hip hop e danças de rua se deu diretamente no evento acompanhado. O entrevistado apesar de ainda muito jovem se destaca como uma liderança ativa do Projeto Aricuri na linguagem poética e da dança de rua, notável sua participação como guia das crianças que acompanham os eventos como público e participantes de algumas atividades.

Observamos o potencial e a riqueza cultural do Projeto Aricuri, em suas veias diversas, que compõem esse complexo emaranhado de significações, que culminam com um todo que busca o estado de ser completo, o projeto, objeto da nossa análise no campo do conhecimento direcionado à educação contemporânea, buscando compreender como se produz sentido e conhecimento nas práticas artísticas e culturais nesse sertão. Assim, encontramos nas palavras de Laraia um indicador para nossos questionamentos sobre as culturas que formam o jeito próprio que identifica o coletivo Aricuri. Quando ele afirma que:

A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Este fato é tao verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas as determinadas pelas diferenças de sexo e idade. (Laraia, 1996.P.82).

Porém um movimento multicultural não, necessariamente, assimila todas as culturas as quais tem contato, nem seria cabível dentro de uma experiência coletiva, esse

fato seria o fim da diversidade que, na prática, é a essência das práticas culturais. O que entendemos é que existe um potencial formador do ser humano no reconhecimento de que mesmo a sua cultura mais próxima, com a qual se tem grande identificação, é vasta o bastante para diversidade formativa.

Essas buscas individuais que refletem o cidadão, representam o coletivo, através dos colaboradores da nossa pesquisa. Sendo eles:

Júnior Baladeira - O educador Nelson Pereira de Sá Júnior, Júnior Baladeira, é professor de história, cordelista, poeta cantor, compositor da musicalidade do Rap com obras artísticas Música: Versos Alados, CD independente (2010), a insistência poética dos diferentes CD independente (2012), a Derrocada, CD independente (2016), Mestre Leônidas e G. da Amizade-Prá cantar meu São Gonçalo como Produtor (2010). Desenvolve uma atividade de arte com idosos do município de Ouricuri-PE, desde o ano 2007, no qual resgata a memória das tradições culturais que fizeram e fazem parte da vivência do público da terceira idade de comunidades urbanas e rurais de Ouricuri.

Atuando no universo da arte há mais de vinte anos, o referido educador desenvolveu diversas atividades culturais e educacionais em Ouricuri e região em diferentes linguagens artísticas, trafegando entre as artes populares e contemporâneas. Graduado em história, começou a desenvolver suas atividades de maneira voluntária nas escolas e projetos sociais da cidade e em projetos que ele mesmo desenvolveu nas comunidades da cidade. Situamos as ações de arte-educação como elementos primordiais para as mudanças que surgiram a partir das suas ações artísticas e educativas. Junior Baladeira foi arte-educador nos seguintes projetos: projeto Sentinela – ano de dois mil e três, no município de Ouricuri; programa de erradicação do trabalho infantil, PETI – ano de dois mil e cinco até dois mil e nove em Ouricuri; AABB Comunidade – ano de dois mil e três em Ouricuri; pró-jovem adolescente – ano de dois mil e nove até dois mil e doze no município de Ouricuri ; projeto Segundo Tempo – ano de dois mil e dez no município de Ouricuri; projeto esporte e lazer na cidade – ano de dois mil e oito município de Trindade, Pernambuco; programa escola aberta – ano de dois mil e dez até dois mil e quatorze no município de Ouricuri; projeto escola comunidade ano de dois mil e quinze em Ouricuri; programa mais educação no ano de dois mil e quinze também em Ouricuri; serviço de convivência e fortalecimento de vínculos nos anos de dois mil e dezoito a dois mil e dezanove no município de Araripina, Pernambuco.

Desenvolve uma atividade de arte com idosos do município de Ouricuri-PE desde o ano dois mil e sete no qual resgata a memória das tradições culturais que fizeram e fazem parte da vivência do público da melhor idade de comunidades urbanas e rurais de Ouricuri e na área da dança popular um trabalho de quatorze anos com o grupo Cia de Dança Popular de Ouricuri”, no qual é o coordenador e coreógrafo do grupo que é composto por jovens vindos de outros projetos culturais, sociais e educacionais em que participa.

Realizado desde dois mil e oito, o projeto Cultural Aricuri, existe como uma iniciativa independente que oferece oficinas com crianças, jovens e idosos de Ouricuri nas áreas de música, dança e literatura, também oferece oficinas de arte para idosos e crianças nas unidades de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de Araripina Pernambuco. O trabalho rendeu ao educador social, Júnior Baladeira, o reconhecimento como liderança social e cultural na região, seu trabalho é símbolo de construção de cidadania no município de Ouricuri e ele se tornou referência para jovens e idosos. Sua figura é símbolo de autoridade, no sentido da palavra segundo Adorno que diz:

Em primeiro lugar, autoridade é um conceito essencialmente psicossocial, que não significa imediatamente a própria realidade social. Além disso, existe algo como uma autoridade técnica-ou seja, o fato de que um homem entende mais de algum assunto do que outro-, que não pode simplesmente ser descartado. Assim, o conceito de autoridade adquire seu significado no âmbito do contexto social em que se apresenta. (Adorno.2020. p.193).

Podemos afirmar que alguém que sempre esteve às margens, marginalizado pelas ações públicas de governo, que deveria ser o agente garantidor de direitos, dificilmente perceberá todas as mazelas e as diferentes formas de exclusão às quais alguém pode estar submetido. Com a negação ao acesso à informação, formação, convivência em diálogo com culturas e identidades diferentes e a constatare submissão à ideia de inferioridade cultural, social e política, as classes ou organizações consideradas superiores enfraquecem as identidades, principalmente dos jovens de zonas periféricas e do interior de regiões como o sertão que há tantas décadas foram-lhes destinados modos de vida e subsistência assistencialistas, apesar de todo seu potencial sociocultural. Sem as perspectivas da educação não escolar na realidade dos jovens seria ainda mais difícil construir uma cidadania plena, com a humanização do ser através da potencialização do

seu autoconhecimento e da sua autoestima, valorizando sua existência na individualidade e da identidade cultural da comunidade ou grupos de pertencimento.

Junta-se ao Júnior Baladeira mais três participantes da pesquisa, seguindo os seguintes critérios: participantes de diferentes idades que têm pertencimento e aprendizados no Projeto Aricuri; diferentes sujeitos sociais nativos da região sertaneja por melhor conhecer a sensibilidade e adversidades dos habitantes advindos desse território de resistência; por serem expressivos na educação e na cultura local.

Dona Helena - Maria Helena Lopes, atualmente com 78 anos e 6 meses, como ela mesma gosta de informar, é natural de Afogados da Ingazeira; com formação em magistério é Professora aposentada, após 35 anos de trabalho como professora do ensino fundamental. Membro do grupo de danças populares, por exemplo, o Reisado Aricuri, grupo que apesar do nome também apresenta outras danças populares pernambucanas como o pastoril e a quadrilha junina. Nossa entrevistada é a embaixadora do grupo, título que se atribuiu por ocasião da entrevista. No pastoril, é dona Helena que figura a Diana, personagem que carrega as duas cores que caracterizam os dois cordões, os dois lados da disputa representada na dança: o azul e o vermelho. Representam, pois, a disputa entre cristãos e mouros, manifestação cultural trazida e implantada no Brasil pelos jesuítas no período colonial, que, atualmente, faz parte da cultura regional do Sertão do Araripe, nos processos de relações e inter-relações culturais, artísticas e de educação não escolar.

*Nós somos do encarnado
A cor do nosso coração
Os nossos partidários
Quando entramos em cena
Vibram todos de emoção*

*Nós somos do azul
A cor do nosso céu de anil
Os nossos partidários
Quando entramos em cena
A todos sorriso mil.*

(Cantiga do Pastoril)

João Nícolas - João Nícolas Valentim Costa, adolescente de 14 anos e, atualmente, cursa primeiro ano do ensino médio na escola Dom Edílio no município de Ouricuri, natural de Ouricuri e é membro do grupo de hip hop, é *B.Boy*. Participa das batalhas, que são competições entre *B. Boys* que dançam em uma roda de desafio individual ou em grupo, existem também as batalhas de improviso cantado, rimas lógicas produzidas no improviso a partir de um mote, frase inicial passada pelo intermediador da disputa, para cada batalha, existe um grupo de jurados composto por um grupo ímpar de membros na sua composição, podendo existir também o voto por aclamação do público. Para João Nicolas o seu pai é a inspiração inicial, sendo o seu pai é um *b.boy*, participante do projeto aricuri desde os primeiros anos. Assim, Nicolas testemunha: “o meu primeiro contato com o projeto foi muito cedo desde pequeno, meu pai é envolvido com Baladeira né e me envolveram no projeto por conta do hip hop”, e devido ao Hip Hop, eu fui criado junto ao Projeto Aricuri. Ele considera o projeto como muito importante, porque não só ajuda a gente mentalmente, como ajuda a ter outra visão do mundo e contribui para a capacidade crítica social e contribui para felicidade das pessoas participantes. É um adolescente que já se revela um líder para as crianças com quem convive.

Elmo Oliveira – Francisco Elmo de Oliveira, Idade: 49 anos, Naturalidade: Bodocó-PE, como entrevistado não participante do grupo, é um Sanfoneiro, compositor, poeta, e cantor de forró pé de serra, reside em Ouricuri, tem formação como Técnico Contábil. Filho de sanfoneiro com a música correndo nas veias e, depois de várias passagens por várias bandas, criou junto aos irmãos um projeto contendo vários projetos musicais, Elmo Oliveira torna-se compositor da música nordestina quando em parceria com Flávio Leandro compõe a canção "duvideodó". Dois anos depois, surge mais uma parceria dos dois, a canção "MSN". Como compositor de forró pé de serra apresenta-se como um representante da cultura regional do sertão pernambucano.

Entrevistado na qualidade de membro da sociedade do município de Ouricuri, é um agente cultural da região que acompanha as apresentações e atividades do Projeto Aricuri, na qualidade de público ativo foi convidado para colaborar com o nossa pesquisa dando o seu depoimento sobre as atividades do Projeto, além de ser um poeta, sanfoneiro, compositor e membro da associação dos forrozeiros do Brasil, que tem sede na cidade de Exu no Sertão do Araripe, fato que o torna um conhecedor prático das vivências e desafios vividos por entidades e agentes culturais no Sertão Nordeste. Em Ouricuri o nosso entrevistado teve participação no grupo de jovens “Jucarmelo”, que segundo o mesmo:

“me deu uma base, um norte, acerca de uma consciência maior, enquanto jovem”, e também no projeto social “Jovem Poeta Aprendiz”, que segundo as próprias palavras do poeta Elmo Oliveira: “ sem dúvidas, foi o projeto que mais me impactou, através dele, em parceria com a ONG Caatinga, que tem sede em Ouricuri, a gente pode levar a literatura de cordel a diversas escolas do Araripe”. A qualificação como artista e atividade como educador não escolar, desenvolvida não foi adotada como critério para entrevista, assim destacamos que grande parte, dos artistas e agentes culturais de regiões interioranas, com destaque de conhecimento de causa, desenvolve ações educativas para população que vive em situação mais vulnerável e carente de ações governamentais de cultura.

4. PROJETO ARICURI: PERFORMANCE FORMATIVA NO SERTÃO PERNAMBUCANO QUE REÚNE O DIÁLOGO ENTRE A VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL E A PEDAGOGIA LIBERTADORA.

Nesse momento pensante, a escrita e estudo se direciona e se concentra na análise das práticas culturais presentes no nosso campo de estudo e, sobretudo, sua prática de ensino não escolar, que trazemos como objeto de nosso estudo. As formas vivenciadas de ensino no Projeto Aricuri, mediante a inspiração da pedagogia libertadora direcionada para público e participantes com características diversas incluindo faixas etárias, gêneros, credos religiosos ou expressões de atividades artísticas múltiplas são aqui refletidas e analisadas. Esse capítulo será estruturado em três categorias que se complementam, sendo: Presença e identidade do Projeto Aricuri a partir dos participantes; Modos ensinantes vivenciados no Coletivo Aricuri e o terceiro constitui-se do Alcance individual e comunitário das atividades de arte e cidadania na vida de seus participantes.

4.1. Presença e identidade do Projeto Aricuri a partir dos participantes

A questão da identidade cultural é aqui debatida com base nos dados obtidos com os participantes, colaboradores da nossa pesquisa, e tem o embasamento teórico principal em Hall e seu estudo sobre a questão da identidade cultural na pós-modernidade, a questão da definição do conceito de identidade é algo segundo Hall (2009.p.09) “complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea”.

Buscaremos compreender a identidade do Projeto Aricuri a partir do ponto de vista dos participantes e colaboradores do nosso estudo, nos atentando para compreensão do nosso objeto na identidade do projeto. Para dá luz às nossas questões, tomaremos inicialmente a fala do coordenador do projeto Aricuri, uma definição prática de cultura que nos abre possibilidades para compreender essa identidade local:

Cultura é uma ferramenta de transformação, ferramenta de transformação de vidas, a minha de outros ai, de muita gente, vem transformando a minha vida a 23 anos, acho que o nome sintetiza bem isso, cultura é uma ferramenta de transformação de vidas (P.1,2024).

A presença do Projeto Aricuri e sua importância são observadas também nas práticas e vivências diárias dos participantes, em suas inter-relações fora das atividades ¹ do projeto, ratificando as expectativas relatadas pelo coordenador, essa ferramenta que transforma vidas é parte da identidade do Projeto Aricuri. A identidade cultural da região é referência também para os jovens do grupo de danças de rua, hip hop, como é possível verificar no depoimento do colaborador P.3:

Eu posso dizer é que não vai deixar exatamente a cultura morrer, o projeto vem se fortalecendo né, vem das raízes, das nossas raízes, como o xaxado, frevo, maracatu, então eu acho muito importante, é necessário isso para que a nossa cultura não morra, e a gente tenta manter ela de pé ne, porque é uma cultura linda. (P.03).

Uma vivência em coletivo contribui para a construção das identidades dos indivíduos e com a forma que compartilham suas experiências na coletividade. Temos um registro dessa autoconstrução identitária no depoimento do entrevistado participante do Hip Hop e das atividades com jovens e crianças, observamos em suas falas em suas atividades e comprometimento com a formação de crianças dentro do Projeto Aricuri, que de alguma forma as identidades multiculturais que formam a dinâmica dos grupos envolvidos são fundamentais para os participantes, e a identidade do coletivo Aricuri se alarga com cada etapa vivenciada. Nessa perspectiva, destacamos o depoimento do colaborador da nossa pesquisa, jovem de quatorze anos que diz:

Cara, meu sonho, meu sonho é que eu possa ver as crianças felizes brincando, sem ter que trabalhar, ver as crianças estudando né, com o pai presente em casa, com a mãe presente em casa, e sendo felizes, livres né! Como a gente já tinha

¹ Identificação dos participantes das entrevistas: P 1: Nelson Pereira de Sá Júnior (Júnior Baladeira) coordenador do Projeto Aricuri. P2: Maria Helena Lopes, participante do grupo de reisado e danças populares para idosos no Projeto Aricuri. P 3. João Nicolas Valentim Costa, participante do Hip Hop e movimentos de dança de rua no Projeto Aricuri. P,4: Francisco Elmo de Oliveira, colaborador da comunidade de Ouricuri.

falado, sendo livres, e meu sonho é crescer e que as crianças se espelham em mim, então eu tenho que andar pelo certo para que elas se espelham em mim, porque o futuro dessa geração depende de nós os mais velhos, porque nós vamos ficando mais velhos e a mais nova geração vai se espelhando na gente, então quando mais no certo eu fizer mais espelho eu vou ser pra eles. Então o meu sonho é ser espelho (P.03).

Como foi possível registrar em nossos manuscritos de observação, existe um potencial educador e de transformação nos participantes do Projeto Aricuri, de modo entusiasmados e instigados pelo exemplo. É comum que a plateia de espectadores para as apresentações artísticas e culturais dos idosos seja formada em grande parte por crianças e jovens, esses em parte, participantes através de uma linguagem artística ao grupo cultural e artístico do Coletivo Aricuri; os demais espectadores são envolvidos pela identidade comunitária do Projeto Aricuri. Freire (2021.p,56) diz que “Os oprimidos hão de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção”. Levando em consideração os moldes e concepções que deram início ao Projeto Aricuri e as dificuldades enfrentadas por seus participantes, fato que constatamos e registramos através dos dados coletados, aqui nos identificamos com a proposta libertadora, transformadora que Freire na obra Pedagogia do Oprimido evidencia como razão de ser de toda e qualquer prática educativa.

Corroborando com o depoimento do P.3, temos a participante do Grupo de Idosos, identificada nesse trabalho como P.2, que relata emocionada:

É um projeto que tirou, digamos, se eu tivesse de entrar em uma depressão, este projeto me tirou e tirou minhas colegas, por que nós não temos tempo, tu acreditas? Que contamos os dias para chegar quarta-feira, para estarmos lá, é com chuva, é com sol, é com calor, mas estamos presentes porque é um projeto que nos eleva e nos dá vontade de viver, ninguém tem tempo até hoje, há 20 e tantos anos nunca morreu nenhum deprimido, com depressão, não, porque é preenchido pela presença dos/as outros/as e com as atividades que nós fazemos nesse projeto (P. 02).

Em nossos arquivos e registros, diário de campo, temos dados de vários participantes do grupo de idosos sobre a importância da presença do Projeto Aricuri em suas vidas para superação de depressão. Temos depoimentos e relatos de um caso em que o médico recomenda que a sua paciente siga o tratamento com as medicações, porém, acrescentando como receita para saúde mental, ingressar no Projeto Aricuri. Esse diálogo informal citado é testemunhado pela P.02 em variados momentos, podendo ser identificado como parte formadora da identidade do referido projeto e suas atividades culturais e artísticas, no que diz respeito à sua contribuição para a autopercepção e autoestima dos participantes.

A valorização da identidade cultural do indivíduo em sua comunidade é fundamental para a pedagogia libertadora, testemunhamos no vigente no Projeto Aricuri. Tomemos o depoimento do colaborador da pesquisa, com o olhar de membro da comunidade ouricuriense sobre as atividades do Coletivo Aricuri, aqui identificado como P.04, que diz:

Um projeto com essa grandeza impacta muito, especialmente a quem acredita na arte como caminho, como válvula de escape diante desse turbilhão de informações muitas vezes na contramão do curso desejado... Não se prende às amarras de um sistema que tá o tempo todo ditando regras, ditando modas... é ter uma consciência cultural, uma opinião formada acerca do que é cultura de fato e nossa posição no mundo (P.04).

Esse bem-estar emocional, físico e social é parte da construção das ações de projetos sociais. Com as palavras do coordenador Júnior Baladeira, que identificamos como P.01, identificamos esse Coletivo cultural como algo pedagogicamente familiar das práticas e vivências diárias para seus participantes:

O projeto Aricuri é um abraço coletivo assim, todo mundo que vem se sente abraçado, e se abraçam e eu acho que o projeto Aricuri é isso, um abraço coletivo e que tenta não deixar ninguém de fora desse aconchego assim; e a arte e a cultura são um instrumento que existe, acho que a grande ferramenta do projeto é isso esse abraço que nos traz ligação uns com os outros e fortalecer o nosso papel no mundo, sentido de vida. Perder a vergonha de sermos sertanejos (P.01).

4.2. Modos ensinantes vivenciados no Coletivo Aricuri

A prática educativa libertadora ganha espaço de provar e testar concepções, métodos e práticas de troca de saberes e modos ensinantes e aprendentes, uma vez que as normas primeiras que os rege são definidas, em geral, por princípios éticos e valores culturais da comunidade em que o referido projeto está inserido. Como Freire (2022, p.14) demonstra quando afirma sobre os atributos do ser humano no cenário que aprende: “Não se pretende apenas definir alguns atributos do homem em geral. O que fundamentalmente importa é que estes homens particulares e concretos reconheçam a si próprios, no transcurso da discussão, como criadores da cultura”.

Tomamos esse conhecimento de Freire para analisar um ponto fundamental sobre os modos ensinantes vivenciados no Projeto Aricuri, em suas práticas de educação não escolar, isto é, nos referimos à dinâmica metodológica envolvida nas práticas artísticas,

culturais e educativas. Anotamos que a identidade do educador se reflete nas práticas do projeto, sendo sob nossa análise, positivo para as suas práticas em observação às informações coletadas nas observações de campo, P.03 nos apresenta esse traço de identificação:

Ele, sem palavras, pessoal, ele é um mestre, ele nos orienta por fazer o certo, quando ele ver alguma coisa errada ele conversa, se a pessoa estiver precisando de algo, ele conversa, vai lá, dá um apoio, palavras às vezes são muito melhores que atitude; às vezes a pessoa está passando por um momento ali, que só ele e Deus sabe como é e chega alguém com aquela palavra de ajuda e tal, e você melhora seu dia ali 100%, então é isso que Junior é na vida de muitos, é o que acredito e pra mim ele é um mestre. (Diário de campo, 16/03/2024).

Em nosso campo de estudo encontrei um grau de identificação entre os participantes e observamos que se trata de um enlace cultural metodológico próprio baseado na prática da liberdade de construir um caminho em conjunto como relata o P.01 quando fala em vários momentos sobre o processo de aprendizado e vivência dos participantes:

A cultura, para você ver, esse projeto, é um projeto que desperta ações para as pessoas, e é uma ação rápida: aos idosos, por exemplo, eu dou uma hora e meia da minha semana para isso, é claro que tem outras atividades, mas toda semana, impreterivelmente, e essa atividade consegue, uma semana, é uma hora e meia na semana, às vezes a pessoa pensa que é rápido, é pouco né, se uma hora e meia você deitado numa rede, ou tomando uma cerveja ou sei lá qualquer coisa se gasta, mas, é só uma hora e meia consegue mudar 50 vidas, né? De forma direta. É um projeto simples, mas eles conseguem se sentir acolhidos e aqui eles encontram espaço para expor suas ideias, para interagir, eu acho que esse é um dos ganhos principais do projeto (P.01).

Observei que essa consciência citada por Freire, da necessidade do educador em ter a consciência e a tranquilidade de vivenciar mudanças e evoluções através dos seres humanos envolvidos no aprendizado das práticas no Projeto Aricuri.

Destacasse que em um primeiro contato com o projeto, é passível ao espectador acreditar como falha pedagógica a ausência de registros e documentos escritos sobre as normativas e metodologias adotadas, porém, com as observações participantes e as demais fontes de coleta de dados, observamos que esse processo criativo de gerenciamento das ações e atividades do Coletivo Aricuri adequa-se e transforma-se em conhecimento coletivo, os registros e as normas são práticos, reflexivos e dinâmicos. Sobre esse aspecto o coordenador relata:

Eu nunca parei pra refletir isso, assim, nem pra conversar sobre isso, como eu falei o projeto ele não, eu não fiz pra, um projeto para daqui a um ano se isso, não, tudo eu fui fazendo assim, nunca escrevi, eu escrevi um dia desse aí que

uma pessoa pediu, um release, e a gente nunca registrou isso o cartório nem nada, CNPJ, porque não sei; a ideia nunca foi essa, talvez um dia seja, assim, talvez um dia a gente faça isso O projeto ele cresceu e eu nunca entendi direito assim como isso aconteceu, eu nunca pensei em uma metodologia para trabalhar, cada público ele tem um jeito de trabalhar diferente, então idosos, crianças, jovens todos são trabalhados diferente aqui, todos, de maneira diferente que eu digo, assim, respeitar a faixa etária deles, a realidade. Eu acho que as palavras que transmitem essa coisa da metodologia, tem a questão de sempre incluir, assim de nunca excluir ninguém, ninguém não pode dizer que chegou aqui e não pode participar né, todo mundo que chega ele tem a liberdade de participar, então acho que é a metodologia principal aqui é trazer essa coisa da Liberdade das pessoas poderem participar da maneira democrática né, de acordo com suas condições né, a gente monta os espetáculos aqui, cada pessoa compra a sua roupa né, quem não quer participar, tem gente que participa das aulas mas não quer dançar, apresentar, tem gente que não pode viajar , tem gente às vezes não tem condições quer participar, não tem condições a gente ajuda, eu não conto as vezes que eu comprei o tecido que a costureira já faz sem cobrar ne, então assim, a metodologia principal é essa coisa de tentar sempre incluir as pessoas, sem que ela se sintam pressionadas a esta aqui, sem que elas se sintam excluídas aqui, elas têm a liberdade de ir e vir, eu acho que essa liberdade eu acho que é o bandeira metodológica que a gente usa assim, as pessoas poderem ser livres (P.01).

Para este projeto, a metodologia caracteriza-se, sobremaneira, pela inclusão e pela liberdade de ser, de falar, de fazer escolhas e de identificar-se com as atividades que o grupo apresenta e sugere a cada participante. O colaborador compreende a metodologia como caminho em que o sujeito social descobre o seu papel no mundo, sendo acolhido e, ao mesmo tempo, com o direito expresso, manifesto de fazer escolhas como exercício de liberdade e de identificação de si mesmo.

As práticas quando coletivas chegam aos participantes, como um indivíduo social do doa e recebe algo durante o processo de compartilhamento da cultura. Observamos que os modos aprendentes e ensinantes se processam na construção conjunta da atividade artística, através do ouvir, ver, dialogar e tem a arte como linguagem comum.

O projeto Aricuri, além da gente fazer esse trabalho aqui, a gente tenta vivenciar os ciclos culturais, mas tenta também resgatar coisas da cidade, da história da cidade, e trazer esses elementos para dentro do nosso espetáculo das nossas atividades: seja, por exemplo, aqui no espetáculo aqui do pastoril, era uma coisa que era feita antigamente, e um dos objetivos principais foi esse, trazer pessoas que participavam antigamente no pastoril, a não sei quantos anos, mais de trinte, sei lá 40, e inserir essas pessoas aqui, participando; pessoas que sempre tiveram um envolvimento com a cultura, ciclo junino, carnavalesco, outras coisas também, eles se incluem, se incluem aqui no projeto, então assim, eu acho que a gente, todo momento a gente se agrega ao que acontecia no município ao que acontece hoje e aos poucos assim, algumas ações do projeto vão se irmanando com outros, por exemplo, tem a feira (referente a feira de artesanato) e não foi uma atividade criada pelo projeto, mas hoje em dia, todo mês a gente que faz a feira aqui em parceria com os artesãos, assim, pessoas com outras linguagens, que a gente não trabalhava e aos poucos foram sendo incluídas assim para fortalecer a cultura da cidade de um modo geral (P.02).

Observamos que a força motriz do projeto é a capacidade de mobilizar um sentido de unidade, tendo um ponto em comum, uma referência de sentido simbólico comum a todos os participantes, independentemente da idade, gênero ou modalidade artística que pratica. Para identificar esse ponto simbólico nos reportamos a Arroyo(2014) e tomamos aqui o trabalho como uma força que transcende áreas específicas, uma vez que na realidade das regiões interioranas, nos sertões nordestinos, os artistas ou agentes culturais também precisam trabalhar em outras atividades para manutenção material e financeira. Assim sendo seguimos Arroyo que diz:

A força cultural de libertação dessa diversidade de lutas não vem apenas de descobrir-se todos iguais trabalhadores por terra, trabalho, teto...mas a força libertadora unificante tem raízes na cultura popular feita de tantas segregações e resistências de que foram e continuam vítimas e atores(...) ser uma cultura de resistência e de libertação é uma das contribuições de extrema relevância afirmada pelos movimentos sociais de que são sujeitos os diversos povos subalternizados em nossa história (Arroyo, 2014, p.117).

Vale pontuar que o Sertão do Araripe pernambucano, local da cultura tradicional da prática regional nordestina, como os vaqueiros, os aboiadores, sanfoneiros e outras práticas de matrizes culturais históricas, alarga o cenário em que o Projeto Aricuri está situado e dá vida e significado à existência das populações sertanejas com sua característica multicultural, inovadora no aspecto em que aglutina uma variedade significativa que práticas e grupos artísticos e culturais, que se identificam como um único projeto e sentido catalisador: produzir conhecimento e dignidade. Segundo o P.04, o projeto tem uma atuação ampla:

Olha, o projeto atende de 8 a 80, por assim dizer; desde o xadrez, com os jovens, especialmente; até os idosos com danças tradicionais. Uma riqueza! Uma das coisas que gosto de ver é a dedicação de Júnior Baladeira a esse projeto, mesmo sem o apoio de forma mais contundente do município – embora pareça ter esse apoio. Muita gente se engana pensando que tem apoio do poder público pela grandiosidade que se apresenta (P.,04).

Na qualidade de espectadora das atividades do projeto, as observações do P.04 nos traduzem a percepção da comunidade sobre as práticas culturais e educativas, e nos permite deduzir que a organização e estratégia de gerenciamento e divulgação, além do cuidado com figurinos, cenários, ornamentos, juntamente com a alegria produzida pelos grupos artísticos e culturais em suas apresentações, por ser genuína, é contagiante. Com

as palavras do P.03, verificamos a importância enquanto espaço democrático de acesso à cultura e a arte:

é um projeto que, não só pra mim, pra todos, ajuda muito, crianças que possam estar indo para o mundo errado, de algum tipo, ter uma visão que o mundo não é o que elas querem, o que elas estavam pensando em fazer; então tem ali um guia né, e aquela pessoa mais idosa né, ali que, ah eu não posso fazer isso, não pode fazer aquilo, que vem pro projeto, conhece pessoas estavam com a mesma sensação que elas que começaram a se desenvolver depois desse projeto, a dançar, a se divertir, e dar risadas, a sair mais de casa e não ficar no sedentarismo né, que eu acho que isso poderia gerar a depressão ao algo do tipo (P.03).

Os modos ensinantes vivenciados no Projeto Aricuri são construídos a partir da realidade da cultura local, e tem produzido como mecanismo e método de existência e resistência, a produção da potencialização dos elementos fortes de autonomia de cada indivíduo e de cada expressão de arte; inclusive a ausência de uma sede para o Projeto que ganhou caráter popular, com itinerância de espaços de apresentações gerou uma profunda identificação com a praça pública, vitalizando a comunidade e dando visibilidade às próprias práticas da educação não escolar, dando à comunidade um aprendizado no processo de formação de público. A colaboradora P 02 nos traz sua colaboração sobre a educação não escolar dizendo:

Você viu ontem, eu nem assisti, eu gosto, (referindo-se à apresentação dos jovens do grupo Muzenza, o grupo de idosos que estava se organizando para segunda apresentação deles na noite, o pastoril) ali é um exemplo de vida, os jovens devem se engajar mais na Cultura, que a cultura tem como ajudá-los, não é mesmo? Os jovens do Projeto Aricuri, o seu lá em Granito, Pernambuco no Brasil todo, quem é que tira o jovem da situação que eles vivem? Cultura, não é mesmo? A igreja ajuda. Você pensa que essa criatura tem um centavo? (referindo-se a Júnior Baladeira) um salário? Nosso? Ele faz por amor. Quer dizer que ele tira o salário dele e está aí de braços abertos. É outro professor, você viu muitos jovens ali não viu? aqueles jovens não vão perder tempo, porque o tempo que aquele professor dedica é tudo. Que venham mais projetos para tirar nossos jovens das drogas, da prostituição (P.02).

A observação sobre a importância da educação não escolar como ferramenta de social importante para a formação libertadora dos participantes também é descrita por outra colaboradora da nossa pesquisa que diz:

Professora eu lhe digo o seguinte, quando você olha para um aluno, aquela pessoa educada, ele traz essa educação de casa, hoje eles não estão mais levando para a educação pública, você encontra essa educação que te ajuda, ele se expande ela vai longe, a educação não escolar, porque eu vou responder como professora: o professor na sala de aula está para preparar o homem do amanhã, mas se ele não vier com a bagagem, não se conquista nada, e a educação familiar é um ponto fundamental na vida do ser humano, sem essa educação sem esta base, ele voa, mas ele cai. (P.02).

O professor coordenador do Projeto Aricuri descreve as atividades existentes no projeto:

A gente desenvolve atividade de cineclube né, não é como as outras atividades que acontecem sempre, é amostra sobre filme sobre hip hop, sobre o sertão, sobre mulheres, a gente desenvolve também a atividade de cultura popular para idosos, é a atividade principal do projeto, e desenrolar atividade de cultura hip hop, e rap, oficinas de hip hop, atividade literatura né, oficina de leitura também sem ser escrita, oficina de cordel como é que as pessoas no geral, jogos de raciocínio, xadrez outros, eu acho que é isso, e danças populares. (P. 01).

E quais os modos operantes para a elaboração do programa de aulas e atividades escolhidas para o projeto?

O projeto Aricuri, por não ter nenhum financiamento, nem uma ajuda de nada, então assim as atividades eu consigo realizar com as condições que eu tenho né, todas essas atividades eu consigo fazê-las sem ter gasto, então tudo parte disso assim, são atividades que são executáveis sem ter gasto, a gente tem vontade de fazer coisas maiores mas, não tem condição financeira para fazer isso, então, por isso fica nisso. (P,1, 2024).

Com estes relatos acima, adquire evidência tanto os modos operandi como as condições em que o Coletivo Aricuri exerce os seus mecanismos de aprender/ensinar e de gerir em condições mínimas de infraestrutura as práticas educativas de jovens, crianças e idosos fora do espaço escolar e sem o apoio do poder público municipal. O diálogo e a acolhida são ferramentas de inspiração freireana e este Coletivo utiliza esses procedimentos e atitudes como caminhos de acolhimento e de inclusão dessas populações que, por motivos diversos, sentem-se à margem dos acessos à educação e à cultura. Mesmo sem um esboço metodológico formalizado, conforme o Júnior pronunciou, ele segue uma rota pedagógica que mira a liberdade e a autonomia através dos processos de identificação de si mesmo, mediante as escolhas das oficinas ofertadas pelo presente projeto.

Outrossim, que vale destaque, é o modo como o Projeto Aricuri desenvolve-se sem sede própria, senão nas praças como ferramenta de atrair o público e de fomentar o gosto pela cultura local e de provocar, despertar, as potencialidades dos espectadores guardadas nos escombros das suas individualidades, subjetividades marcadas pela vergonha, pela timidez e pela censura alheia da comunidade local.

4.3. Alcances individual e comunitário das atividades de arte e cidadania na vida de seus participantes

O processo de realização das entrevistas e observações proporcionam um acesso direto aos participantes do projeto estudado, tendo na entrevista um maior direcionamento para compreender as inter-relações da educação não escolar com a cultura ouricuriense, e estas como instrumentos de construção e de fortalecimento da autoidentidade e de cidadania e protagonismo dos participantes do Projeto Aricuri. O coordenador do projeto destaca em vários momentos a sua percepção sobre a questão da contribuição da arte do Projeto Aricuri na perspectiva da contribuição para a cidadania e autonomia dos participantes, citando sua importância:

Tudo aqui é produção de arte, gosto de usar um slogan, fazendo arte mudando vidas, todo o instrumento que a gente usa aqui é a arte, tudo aqui a gente instrumentaliza com a arte, e vai mudando a vida das pessoas, não é que o objetivo é esse, vai mudando sem que objetive isso. Acho que arte é toda a matéria prima do que a gente faz aqui, não tem outra (P.01).

Observamos que as práticas culturais, artísticas e educacionais oferecidas, com os seus métodos dialógicos proporcionam o ato de “libertar-se” no indivíduo participante, ao contribuir com a sua autoestima, e os indivíduos juntos formam a coletividade, o Coletivo Aricuri é uma comunidade. Sobre a contribuição do projeto o colaborador P.01 fala:

Com certeza, é o que eu digo, o pessoal passa a participar aqui e se torna protagonista de muita coisa assim. Com o protagonismo, eles conseguem adquirir a partir do momento que a interação que eles encontram aqui, acho que esse é um ganho social enorme pra eles se tornarem protagonistas de diversas ações assim, na vida deles, participar de coisas até fora do projeto aqui, acho que desenvolve neles, o protagonismo de ações relacionados à sua comunidade (P.01).

O alcance individual e comunitário das atividades de arte é produzido através das atividades de educação não escolar voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres” Gohn, (2022, p. 19). O conhecimento e a consciência do seu papel social. Segundo o colaborador P.04:

A educação faz do cidadão uma pessoa consciente do seu papel na sociedade... O projeto tem uma importância muito grande, especialmente, na elevação da autoestima, dando-lhe uma qualidade de vida melhor (P.04).

As ações do projeto promovem a democratização e o acesso à cultura e à arte dos participantes e potencializa nos participantes as experiências e vivências de sonhos e de perspectivas, elaborando planos práticos e viáveis para o futuro. A cidadania em pleno conceito e sentido é um dos objetivos das atividades do Projeto Aricuri, sendo a cidadania como conjunto de direitos e deveres de um povo que produz, consome e compartilha conhecimento, bens culturais e artísticos, história e, sendo assim, tem o poder de transformar sua realidade através das suas ações. Nessa perspectiva de futuro. O Projeto Aricuri com suas práticas, oferece, especialmente, para os jovens, na visão do P.03, esse projeto individual e coletivo:

O trabalho com jovens eu acho necessário, porque incentiva os jovens a fazer o certo, como eu já disse, que às vezes, muitas vezes um jovem tá querendo fazer uma coisa, tá querendo fazer outra coisa, vamos dizer tá com a mente desocupada, e nesse projeto é meio que ter uma ocupação boa né, no sentido de que tal dia eu tenho que dançar, quando eu cheguei lá, eu vou dar o exemplo de mim: quarta-feira eu tenho que dançar hip hop, beleza; quarta-feira já tá na minha agenda, fui pro treino, tô aprendendo uma coisa nova, então em casa, quando eu chegar em casa eu não vou ficar sentado mexendo no celular, podendo ver, como muitas pessoas recebem mensagem maldosa, bullying né, então eu posso treinar em casa, eu posso me aquecer, fazer o alongamento e ocupar minha mente, eu acho que a palavra certa é ocupar a mente pra não fazer o errado (P.03).

Partindo da premissa de que não há futuro sem presente, observamos que as atividades com o grupo de idosos revela-se como símbolo maior do Projeto Aricuri, e conta com mais de quarenta participantes. Como um projeto inclusivo que aborda a maior idade em todas as suas características, engrandecendo ainda mais o seu valor humano e social. Nas palavras da nossa colaboradora participante doreisado aricuri, destacamos a valorização e o despertar para a autonomia desses idosos participantes, oferecendo a oportunidade de fazer parte do que ela chama de algo maior e diz:

Com uma integração, de união, de amor, e respeito, e carinho, e conhecimento, de vida, de uma vida pacata, cada um vivendo na sua casa, e hoje a gente sai para Rio, está em São Paulo está na Bahia, está em Pernambuco todinho, porque hoje a mídia nos ajuda nos leva né, então ele, esse projeto nos ajuda a nos expandir; eu não conheço o Rio, mas eu já estou ficando conhecida no Rio, eu não, nós não somos conhecidos na Bahia, mas nós já estamos, o grupo aricuri já está sendo conhecido, no Brasil né, porque o que tem de apresentação aqui no IF, que juntou o IF Sertão com mais de oito IFs para uma apresentação nossa, aonde nós levamos o Rei do Baião, “oi pisa o mii, penerô o xerém, eu não vou deitar galinha pra dar pinto pra ninguém” então expandiu de um jeito e hoje Junior Baladeira fez a gente ser conhecido fora (P.02).

Criando um ambiente de otimismo e movimentação cultural e artístico, nesse contexto ela fala:

Ter mais dança, que venha mais apresentações, enquanto a gente tem esse sopro de vida, venha mais cultura, pra nós da terceira idade, porque não brincamos não, tantos da terceira idade que são esquecidos dentro da sua própria casa, dentro do seu próprio convívio, que ninguém olha pra tu e diz assim, tu pode, tu pode chegar lá, não recebe nenhum incentivo, sempre você que vai encontrar essa resposta (P.02).

Na escuta atenta a esses relatos, tanto dos adolescentes como dos idosos, o Projeto Aricuri demonstra sua relevância social, seus alcances efetivos na construção das identidades, no desabrochar da autoestima dos participantes e no desenvolvimento de comunicação e expressão.

Em relação à construção ou reelaboração das identidades das pessoas em suas respectivas faixas etárias, faz-se notável o processo de desavergonhamento de falar de si mesmo, das suas origens e dos seus papéis de cuidar e de transmitir as tradições culturais sertanejas. As heranças incrustadas em seus corpos manifestam-se com orgulho de si mesmas, trazendo na memória as festas infantis, as alegrias coletivas em que as famílias e vizinhanças reuniam-se e atravessavam as madrugadas. Por parte dos jovens, a identidade tem se fortalecido à medida que descobrem as potencialidades do ser sertanejos, interioranos, porque ao revelar essas tradições seus rostos, gestos e ritmos estendem-se pelo mundo afora, sobretudo, nas redes sociais e nas apresentações no interior ou nas capitais.

Por fim, o gosto de ser a si mesmo alcança as subjetividades individuais e coletivas, trata-se do processo de transformação do apagamento, da invisibilidade para o ser sujeito, com a força do pronunciar-se socialmente através da cultura sertaneja. São marcas indelévels que o Projeto Aricuri tem despertado, promovido no interior dos participantes e no exercício de comunicar o que pensa, o que sente de modo crítico, libertador, saindo das malhas enredadas das politicagens interioranas marcadas pelo controle ideológico, pela lógica dos favores e da dependência dos mandatários locais. São aprendizagens que reverberam pela vida afora e que, dificilmente, o tempo e as rápidas transformações socioculturais, digitais e da inteligência artificial poderão apagar nas memórias individuais e coletivas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Aricuri é um espaço de superação viabilizado pela cooperação entre público de crianças, jovens e idosos, com suas experiências, anseios e necessidades de aprendizagens como meta para a conquista da liberdade de pensamento e ação, exercida na individualidade e no coletivo. Baseados no pensamento de Hall, podemos analisar o referido projeto a partir dos aspectos que produzem mudanças nas estruturas de uma sociedade. Sobre isso, ele diz:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar (Hall, 1999, p. 13).

Projetos e eventos sociais de Arte e Cultura são essenciais para proporcionar uma visão de mundo e da própria arte, mais humana, aberta a possibilidades e mudanças, além de gerar uma rede de educação, comunicação e de uma economia solidária.

Servindo-nos de um olhar de totalidade possível acerca da origem, presença, práticas educativas e alcances individuais e comunitários do Projeto Aricuri, podemos afirmar:

- Este projeto revela a força transformadora oriunda das bases sociais, quando os sujeitos da pirâmide social despertam as suas próprias potencialidades e se reúnem, articulam-se e fazem valer, passo a passo, o poderio dos invisibilizados em fazer história com o pouco que se tem;

- Este projeto inspira-se na Pedagogia Libertadora e de forma mais ou menos conceitual adquire materialidade em forma de metodologia em que os agentes são protagonistas e os eixos e focos são: a autonomia dos sujeitos, a dialogicidade mediada pelo mundo, o olhar do coletivo e a transformação social;

- O Projeto Aricuri descobre o poder conscientizador, formativo e libertador das artes em que a herança cultural é compreendida como identidade raiz, donde as visões de mundo dos sertanejos são extraídas e servem de eixo simétrico, de autodescoberta coletiva e de modo próprio de ser e de estar no mundo;

- As artes têm servido ao longo dos anos como fonte e caminho do Coletivo Aricuri de despertar sonhos em crianças, jovens e idosos, com cada grupo etário com suas especificidades, mas unifica a todos/as no propósito de tornar os seus membros: gente

cidadã, donos/as da sua palavra, crentes na força do empobrecidos quando articulados e, ao mesmo, descrentes da dependência e do domínio do mandatárias dos políticos locais.

- O referido projeto caracteriza-se pelas práticas educativas que cultivam a dinâmica da afetividade, do acolhimento e da inclusão como princípio fundador e iniciante; outro traço é a escuta atenta às dores e angústias dos participantes e a partir desta dinâmica, Júnior (coordenador) dispõe o leque de possibilidades das artes vivenciadas e delas quais as identificações afins de cada participante iniciante; outra forte característica é o foco, calcada no diálogo, na atenção ao desenvolvimento integral dos sujeitos, a saber, a apropriação das técnicas, a valorização da cultura local, o incentivo e indicativos do enfrentamento do público, o gosto pela artes, a autonomia dos participantes e o poder de fala de si mesmo e das realidades envolventes de modo desperto, crítico.

Aferimos, que existe um grande reconhecimento do grupo pelo trabalho do coordenador, o seu histórico de dedicação à cultura e aos trabalhos sociais, a disponibilidade, o desprendimento e dedicação do iniciador desse processo formativo não escolar. Observamos ainda nas falas dos entrevistados e na participação da comunidade que a educação não escolar das ações que o Projeto Aricuri promove, podem garantir a sustentabilidade do projeto em termos de sucessão e provocação de novas lideranças, visando a longevidade dessa experiência singular no sertão pernambucano.

6 .REFERÊNCIAS

ADORNO, Thedor W. **Educação e emancipação**.2ª ed. Tradução Wolfgang Leo Maar- 2ª edição revista – São Paulo: Paz e Terra,2020.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14ª ed. São Paulo: editora Brasiliense, 1998.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias/Miguel G.Arroyo**.2.ed. Petrópolis, RJ: vozes,2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Edição 70, São Paulo.2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora / Carlos Rodrigues Brandão e Raiane Assumpção**. – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. – (Educação popular).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **1940 O que é educação/Carlos Rodrigues Brandão** – São Paulo: Editora brasiliense, 2012. – (coleção primeiros passos; 318).

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. tradução de Myriam Ávila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUORO, Anamélia. **Olhos que pintam: A leitura de imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

COLI, Jorge. **O que é arte/Jorge Coli**.- São Paulo: brasiliense, 2000.- (coleção primeiros passos; 46). 4 reimpr. Da 15. Ed. De 1995.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Educação e cultura popular/Organizadores Mario de faria Carvalho, Everaldo Fernandes da Silva, André Luiz dos S. Paiva. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 52ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 78ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora DP&A, Rio de Janeiro. 1999.

LAGE, Allene. **Educação e movimentos sociais: caminhos para uma pedagogia de luta/ Allene Lage**. Recife: ed. Universitária da UFPE.2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**, 5ª edição. Zahar: Rio de Janeiro, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado/ Jacques Rancière**; Tradução Ivone C.Benedetti – São Paulo. Editora WMF fontes.2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Os Conflitos Urbanos no Recife: O Caso do "Skylab"**. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p. 9-59. Coimbra: CES, 1983.

STRECK, Danilo e ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). Educação Popular – **Lugar de Construção Social Coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

STRECK, Danilo R. **Entre emancipação e regulação: (des)encontros entre educação popular e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Educação. 2010

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos/ Robert K. Yin**; Trd.Daniel Grassi – 2.ed- porto alegre: Bookman,2001.

ANEXOS

Imagens de atividades do Projeto Aricuri



FONTE: acervo do Projeto Aricuri

Dança maneiro pau



FONTE: acervo do Projeto Aricuri

Reisado Aricuri



Fonte: arquivo da pesquisadora

Apresentação das crianças do projeto Aricuri com grupo de capoeira



Fonte: arquivo da pesquisadora

PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO PROJETO ARICURI

1. Como surgiu a ideia do projeto aricuri?
2. Quais os critérios para que uma pessoa possa ingressar com participante nas atividades do projeto?
3. Existe alguma norma ou algum regulamento estruturado para permanência no projeto?
4. O projeto tem quantos anos?
5. Quais atividades o projeto oferece atualmente?
6. Como as atividades são escolhidas para o projeto?
7. Quais os objetivos do projeto?
8. Proporcionar a democratização de atividades culturais na cidade de Ouricuri, é um objetivo; disponibilizar ações de formação cultural para o público, jovens, idosos, crianças; é promover eventos e colaborar, de uma certa forma, com o crescimento cultural da cidade.
9. Quais são os locais de realização das atividades e como é que é feita essa escolha?
10. Como a cultura pode contribuir para a autoidentidade dos participantes?
11. Quais são os modos ou os métodos, metodologias utilizadas no projeto que contribui para a educação não escolar dos participantes?
12. Como você avalia o alcance educativo dessas atividades culturais e artísticas do projeto na formação dos participantes, o alcance dessas atividades na vida dos participantes? do começo do projeto até o momento atualiza no projeto?
13. Qual o papel da arte no projeto?
14. Como você vê a relação entre educação não escolar e a cultura local na vida dos participantes?
15. Como um projeto muito cultural como projetado contribui para a cultura local?

16. Com o projeto contribui para a participação ativa e reflexiva dos participantes?
17. Para você, Junior Baladeira, o que é ser cidadão livre?
18. Como você conseguiria definir o que a cultura?
19. Como você define o projeto aricuri?
20. Qual o futuro do projeto?
21. Qual a importância da educação não escolar que é desenvolvida em projetos sociais com atividades de cultura e arte como o projeto aricuri?

PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES DO PROJETO ARICURI

1. Como soube da existência deste projeto?
2. O que despertou o interesse em participar das atividades do projeto aricuri?
3. Participa de quais atividades do projeto?
4. E o que mais gosta no projeto?
5. Tem alguma coisa que não gosta?
6. Como o projeto ajuda na sua qualidade de vida?
7. Como o projeto contribui para sua autoestima?
8. O que aprendeu no projeto?
9. Qual a sua identificação com Junior Baladeira?
10. Acredita que as práticas culturais e educativas do projeto ajudam na sua formação cidadã?
11. O que é ser uma cidadã Livre?
12. O que mudou na sua vida com o projeto?
13. Quais os sonhos para o futuro?
14. O que almeja que melhore no mundo?

15. Gosta de arte?
16. Como o Projeto Aricuri contribui para a participação social dos participantes?
17. Como ver o futuro do projeto aricuri?
18. Qual a importância da educação não formal no projeto?
19. Qual é a importância do Projeto Aricuri para a educação dos jovens?
20. Qual é a importância do Projeto Aricuri para os idosos?

PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES DA COMUNIDADE DE OURICURI

- 1-Como você conheceu o projeto Aricuri?
- 2-Já participou de alguma atividade como membro do projeto aricuri?
- 3-Já participou como público de alguma atividade do projeto? Qual ou quais?
- 4-Conhece outras pessoas que já foram atendidas pelo projeto como participante?
- 5-Conhece outras pessoas que já foram atendidas pelo projeto como espectador(a) ?
- 6-Com qual modalidade de atividade cultural e artística do projeto você mais se identifica ou gosta?
- 7-Qual a importância do projeto aricuri para cultura local do município?
- 8-Qual a importância do projeto aricuri para cultura de um modo geral?
- 9-Qual a importância educativa do projeto para os participantes, na sua opinião?
- 10-De um modo geral, qual a importância de projetos sociais com atividades de arte e cultura para a construção cidadã dos jovens, crianças e idosos?
- 11-Você já participou de algum grupo de jovens ou projeto cultural? Pode citar?
- 12-Você tem alguma identificação pessoal com Junior Baladeira?
- 13-O projeto aricuri, de alguma forma, influencia em algum aspecto da sua vivência local?
- 14-Como você vê a relação do poder público para com o projeto aricuri?

15-Para você o que é ser cidadão livre?

16-O projeto aricuri contribui para a construção cidadã dos seus participantes?

17-Na sua opinião, qual a importância da educação para sociedade?

18-Qual a importância do trabalho cultural com os jovens e no projeto Aricuri?

19-O que é cultura para você?



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa, **INTER-RELAÇÕES DA EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR, ARTE E CULTURA NO PROJETO ARICURI: uma itinerância formativa no sertão pernambucano**. Que está sob a responsabilidade da pesquisadora Maria Luciana Rodrigues de Oliveira, com endereço na Rua Da saudade, n 07, centro, Granito, Pernambuco, CEP: 56160-000, e-mail: coragemlu@yahoo.com.br e está sob a orientação do Profº. Drº. Everaldo Fernandes da Silva, e-mail: everaldo.fernandes@ufpe.br.

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o (a) senhor (a) não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

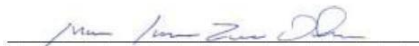
Temos como objetivo geral: Compreender as inter-relações da educação popular com a cultura local e estas como instrumentos de construção e de fortalecimento da autoidentidade e de cidadania dos participantes do Projeto Aricuri.. E específicos: a) destacar os princípios e traduções da educação popular presentes no Projeto Aricuri; b) identificar os modos aprendentes e ensinantes desenvolvidos no Projeto que produzem valorização da cultura local e participação social ativa dos seus membros; c) analisar o alcance educativo das atividades culturais do Aricuri na vida e formação dos sujeitos participantes.

RISCOS: As entrevistas realizadas podem ocasionar desconfortos ou constrangimentos. Para minimizar tais efeitos, será garantido o sigilo e anonimato dos (as) entrevistados (as) por meio de nomes fictícios nos documentos públicos da pesquisa e essas entrevistas ocorrerão individualmente em local e horário de escolha dos (as) voluntários (as) bem como será procedida indenização e ressarcimento de despesas em caso de dano provocado pelo pesquisador.

BENEFÍCIOS: Os benefícios da participação nessa pesquisa consistem na contribuição do/a participante para o desenvolvimento de uma pesquisa que poderá ajudar na compreensão dos fundamentos teóricos, as práticas atuais do Projeto Aricuri.

Os resultados serão divulgados em eventos ou publicações científicas ligados ao tema da pesquisa, não havendo identificação dos (as) voluntários (as), a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados (entrevistas) serão armazenados em nuvem, pelo e-mail oficial cadastrado no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFPE.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidos pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.



Maria Luciana Rodrigues de Oliveira

